

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - UFG/REGIONAL CATALÃO/UFCAT

**UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS –
INHCS/DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
PROFISSIONAL**

DAIANE CRISTINA DE FARIA

**MILLÔR FERNANDES E O HUMOR GRÁFICO: REPRESENTAÇÕES E
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

CATALÃO-GO

2020

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

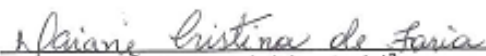
Nome completo do(a) autor(a): Daiane Cristina de Faria

Título do trabalho: MILLÔR FERNANDES E O HUMOR GRÁFICO: REPRESENTAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 15/04/2020

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

DAIANE CRISTINA DE FARIA

**MILLÔR FERNANDES E O HUMOR GRÁFICO: REPRESENTAÇÕES E
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

Texto de defesa apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão – UFG/UFCAT como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos

CATALÃO-GO

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

CRISTINA DE FARIA, DAIANE
MILLÓR FERNANDES E O HUMOR GRÁFICO: REPRESENTAÇÕES
E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA [manuscrito] /
DAIANE CRISTINA DE FARIA. - 2020.
72 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Márcia Pereira dos Santos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Programa de Pós
Graduação em História, Catalão, 2020.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Millór Fernandes. 2. Humor gráfico. 3. Ensino de História. I.
Santos, Márcia Pereira dos, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 55 da sessão de Defesa de Dissertação de **Daiane Cristina de Faria**, que confere o título de Mestre(a) em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração em História.

Ao/s dezoito dias do mês fevereiro de dois mil e vinte, a partir da(s) 14h00, no(a) **Laboratório de Audiovisual Bloco Didático II da UFG - Regional Catalão da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “**MILLÔR FERNANDES E O HUMOR GRÁFICO: REPRESENTAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**”. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Márcia Pereira dos Santos INHCS/UFG/RC** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Henrique Martins da Silva Pós-Doutorando na UFG**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Ismar da Silva Costa INHCS/UFG/RC**, membro titular. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Márcia Pereira dos Santos**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **dezoito dias do mês fevereiro de dois mil e vinte**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Pereira Dos Santos, Orientadora**, em 18/02/2020, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ismar Da Silva Costa, Professor do Magistério Superior**, em 18/02/2020, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Henrique Martins da Silva, Usuário Externo**, em 18/02/2020, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1120327** e o código CRC **2665A378**.

Referência: Processo nº 23070.002580/2020-01

SEI nº 1120327

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional de História – PPGHMP pelo apoio técnico e administrativo do curso, ao corpo docente pelos ensinamentos e aos colegas do curso pelo companheirismo, conhecimentos e angústias compartilhadas.

À Universidade Federal de Goiás que lançou o Edital Qualificar para atender os Técnicos Administrativos em Educação – TAE da UFG ao qual participei, e à Regional Catalão por acatar e dar esta oportunidade para a qualificação dos servidores públicos.

À minha orientadora Márcia Pereira dos Santos pelo suporte, parceria, disponibilidade, correções e incentivos.

À banca examinadora que acompanhou o trabalho e colaborou com seu desenvolvimento através de sugestões, apontamentos e indicações.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

“Não é a verdade que é engraçada. Engraçada é a maneira com que o humor nos faz chegar a ela.” (Ziraldo).

RESUMO

A presente dissertação apresenta a importância do trabalho com charges e cartuns em sala de aula, assim como mostra um pouco a vida e a obra do autor Millôr Fernandes, que muito colaborou para este tipo de texto. A pesquisa formulou uma proposta didática em modelo de aula-oficina para o ensino de História, utilizando cartuns e charges referentes ao período da Ditadura Civil Militar no Brasil. A perspectiva foi tornar as aulas mais dinâmicas e interativas, e com isso evoluir o senso crítico e o olhar reflexivo do sujeito em aprendizagem.

Palavras-chave: Millôr Fernandes; Humor gráfico; Ensino de História.

ABSTRACT

This dissertation presents the importance of working with cartoons and cartoons in the classroom, as well as showing the life and work of the author Millôr Fernandes, who contributed a lot to this type of text. The research formulated a didactic proposal in a classroom-workshop model for teaching History, using cartoons and cartoons referring to the period of the Military Civil Dictatorship in Brazil. The perspective was to make classes more dynamic and interactive, and with that evolve the critical sense and reflective look of the subject in learning.

Key words: Millôr Fernandes; Graphic humor; History Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	22
HISTÓRIA CULTURAL: OS CONCEITOS SOBRE IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM AS FONTES	22
1.1 CONHECENDO O HUMOR GRÁFICO: ALGUNS ASPECTOS SOBRE CHARGES E CARTUNS.	25
1.2 A IRONIA E A SÁTIRA.....	34
1.3 O HUMOR E O RISO	38
CAPÍTULO II	42
MILLÔR FERNANDES: UM PENSADOR CONTEMPORÂNEO	42
2.1 MILLÔR E O PASQUIM.....	46
2.2 MILLÔR FERNANDES E UMA “FERRAMENTA” POSSÍVEL PARA A EDUCAÇÃO	48
CAPÍTULO III	54
O USO DE CHARGES E CARTUNS NO ENSINO DE HISTÓRIA	54
3. 1. PROPOSTA DIDÁTICA	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70
WEBREFERÊNCIAS	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vida Social sem Internet?.....	16
Figura 2 – Uma História do Brasil Através da Caricatura. 1840 – 2006.....	18
Figura 3 – A Copa do Mundo é Nossa.....	28
Figura 4 – Ziraldo.....	30
Figura 5 – (Sem nome).....	30
Figura 6 – Millôr e a Autocensura.....	33
Figura 7 – Escola de Terroristas do Afeganistão.....	37
Figura 8 – A Evolução do Homem.....	37
Figura 9 – Primeira Capa da Revista Pif-Paf.....	44
Figura 10 – Advertência.....	46
Figura 11 – Censura lendo o Material do Pasquim.....	47
Figura 12 – Só Lidar com Gente Honesta.....	49
Figura 13 – (Sem Nome).....	49
Figura 14 – Perspectivas de Governo.....	51
Figura 15- (Sem Nome).....	52

INTRODUÇÃO

É interessante notar que o uso do humor gráfico referente aos desenhos encontrados em charges, cartuns, caricaturas, tiras de jornal e história em quadrinhos (HQ), dentre outros, associados à ironia e aos personagens, conseguem chamar a atenção nas leituras para determinados assuntos e fatos, pois instigam a curiosidade e levam o pensamento à reflexão sobre tais assuntos que muitas vezes vivenciamos.

Dessa maneira, o objetivo da pesquisa que se apresenta é elaborar uma contribuição para o ensino-aprendizagem, o qual enfrenta vários desafios devido à defasagem do sistema de ensino e a necessidade de constantes mudanças. Ainda que saibamos dos avanços que a educação brasileira teve nos últimos anos – como melhorias na infraestrutura, orçamento garantido pelo governo apesar de não suficiente, a formação e qualificação de professores e a diminuição do índice de evasão e analfabetismo, que mesmo devagar vai melhorando – percebe-se que é preciso investir mais na educação com reflexões que não apenas problematizem os contextos, mas que criem opções metodológicas de enfrentamento desses contextos.

O processo de ensino-aprendizagem caracteriza o sistema de interações comportamentais entre professor e aluno. A percepção e o entendimento deste processo são fundamentais para o desenvolvimento de qualquer trabalho na área do ensino, aprendizagem e da educação. Nesta ação, o professor e o aluno trocam de papéis, ou seja, o professor e o aluno aprendem e ensinam um com o outro.

O tema proposto para esta pesquisa nasceu da ideia de elaborar um trabalho diferente em que o valor da leitura em imagens como charges e cartuns fosse ressaltado. Em contrapartida, em função da minha formação em Letras, da riqueza de conhecimento encontrada na obra do autor e do desafio de produzir uma dissertação como trabalho final para o curso de mestrado, escolhi o autor Millôr Fernandes como destaque de análise para esta pesquisa.

Ao optar pelo humor gráfico, mais especificamente em charges e cartuns como fontes principais desta pesquisa, buscou-se um gênero textual que permitisse o trabalho interdisciplinar, com o intuito de estabelecer o contato com os variados pontos de vista e despertar o interesse dos leitores, buscando contemplar as formas oral, escrita, imagética e a prática de leitura, de tal maneira que a imagem seja aliada para complementar este processo, e a ação de ler traga prazer.

A relação entre imagem e leitura é uma prática de grande relevância para o ensino-aprendizagem, pois dessa forma o indivíduo aprenderá o sentido entre o que ele vê e o que ele lê. Considerando que o ato de ler vai além de decifrar as palavras, o texto e a imagem são colaboradores da leitura, pois faz a ligação entre o conhecimento de mundo do sujeito e um texto trabalhado em sala de aula, fazendo com que a aprendizagem tenha interação com o ensino através de formas lúdicas, divertidas, alegres e bem-humoradas.

O processo de escolha dessa fonte foi pensado como um processo de busca de ferramentas metodológica para o ensino de História, uma vez que os gráficos conjugam texto e imagens com o objetivo de narrar histórias de variados gêneros e estilos, carregadas de hipóteses a serem descobertas e interpretadas, inclusive com referência ao comportamento humano e aos aspectos culturais, sociais e políticos.

Com o intuito de satirizar as situações descritas, tanto charges como cartuns podem utilizar a linguagem verbal e não verbal; representam situações que estamos acostumados a conviver diariamente e por isso não estão distantes de nossa realidade.

A sátira tem como característica principal a ironia e o sarcasmo. E embora nem sempre esteja submetida ao riso, geralmente se aproxima muito da comédia. É um estilo literário usado para criticar e/ou ridicularizar algo ou alguém, por exemplo, instituições políticas, hábitos, moral, costumes, um personagem da política, da religião, ou da televisão; assim, a sátira pode ser encontrada em forma de verso, prosa, e também em charges, cartuns, caricaturas, tiras de jornais, dentre outros.

Este estilo de humor gráfico geralmente é encontrado em textos humorísticos, e por isso é pertinente fazer referência também ao humor e à cultura dentro deste trabalho, e é neste paralelo que estão interligadas as contribuições da Nova História Cultural e os conceitos de representação e imaginário abordados por Sandra Jatahi Pesavento e da História Cultural definida por Roger Chartier, que em suas teorias procuram aproximar o real e o imaginário, dentre outros autores que foram muito importantes para o entendimento do que será discutido neste trabalho.

De modo geral, a cultura significa o conjunto de ações e conhecimentos de determinado indivíduo ou grupo, podendo ser referente à arte, crenças, hábitos, moral, costumes, etc. Durante toda nossa vida somos rodeados por imagens, muitas são vindas de publicidade, um produto a ser vendido ou comprado, fotos em família e redes sociais, notícias, jornais, etc. ; e dentro desse contato vai se formando a cultura e o significado de mundo de cada um.

Nesse sentido afirmamos que cada um possui sua própria cultura e conhecimento de mundo, e em um universo com tantas possibilidades, cada um faz suas próprias interpretações, constrói seu pensamento e defende suas ideias. A partir deste fato e também da diferença entre classes sociais, é que se instalam algumas divisões na sociedade e ao mesmo tempo surge o debate entre essas diferentes ideologias.

Nesse processo é importante não esquecer como a História Cultural, especialmente nos autores citados, se inspirou na antropologia de Clifford Geertz, para entender a cultura como “teias de significado”, cabendo ao pesquisador interpretar essas teias. No caso do tema proposto neste trabalho, a trama escolhida para interpretar uma dada época foram fontes específicas constituídas pelo humor gráfico, que comportam em si essas teias de significados, ou seja, as representações de mundo dos sujeitos que as compõe e, daí, o imaginário que essas representações formam por sua vez. E, por isso mesmo, a investigação se sustenta nesses modos de escrita que fazem ou provocam o riso.

A conhecida frase “rir é o melhor remédio” junto com vários profissionais da saúde ressaltam a importância do humor e de estar bem humorado. Isso porque o humor é referenciado como um estado de espírito e ânimo de uma pessoa. A percepção de que o bom humor seria um medicamento com benefícios para nossa saúde, está relacionada com a ideia de positividade, no sentido de ter uma atitude positiva diante da vida, e o otimismo, como atitude de ter esperança, e não só nas questões médicas, o bom humor é favorável na rotina de casa, do trabalho e no profissional.

Apesar de esse não ser o humor que nos referimos neste trabalho, cabe ressaltar aqui a importância do bom humor para nossa vida. Mas esse bom humor não está ligado somente em saber contar uma piada e fazer os outros rirem, mas sim em ver o lado bom das coisas. Sorrir é uma arte, o bom humor é visto por muitos como uma virtude, e sendo assim é preciso cultivá-lo, pois uma simples atitude tomada com ânimo pode trazer impacto em todas as áreas da nossa vida e por isso é importante manter o otimismo e o bom humor diariamente.

Assim, a pesquisa proposta, ao debruçar-se sobre as fontes descritas, pretende auxiliar diretamente na busca por melhoria nas metodologias do ensino de história, visto que professores, alunos e, às vezes, as próprias instituições de ensino precisam seguir as inovações, inclusive tecnológicas, e apresentar um diferencial que colabore diretamente com o estímulo à leitura, à interpretação de textos e à escrita. Isso porque também o ensino de História, tem como principais materiais textos escritos, não raro acompanhados de imagens e representações que visam fazer do conhecimento histórico algo inteligível aos seus sujeitos.

Pode-se citar, como exemplo, a dependência que muitas escolas e docentes tem em relação ao livro didático, um dos únicos instrumentos efetivos usados em escolas brasileiras de forma mais generalizada. Nesse caso, a pesquisa é uma proposta de novas formas de ensino e metodologias para a aula de História, que avance no uso de textos e imagens para problematizar tempos e sociedade.

Buscar essas novas formas de ensino e problematização do conhecimento histórico significam especialmente se adaptar às atualizações do próprio conhecimento histórico produzido no presente, mas também das formas de acesso ao mesmo, especialmente na circulação via informática e sistemas da informação, as quais são as mais utilizadas no momento. O humor gráfico em geral, tanto charges, tiras, caricaturas ou cartuns podem ser inseridos neste encadeamento de ideias, fazendo referência aos personagens mais conhecidos da mídia em redes virtuais, e assim ser propagado popularmente entre vários grupos, sejam os formais como escolas e instituições formativas, sejam aqueles de caráter social, ou seja, as redes sociais.

Para tanto, a pesquisa buscou se ater a um autor de charges e sátiras que, defende-se, pode ajudar a compreender como esses escritos e imagens contam do mundo e da sociedade. Assim, optou-se pela trajetória do importante literato Millôr Fernandes, abordando suas obras literárias e seus trabalhos como jornalista, humorista, cartunista, artista plástico, editor, tradutor e dramaturgo. Nesse sentido foi necessário destacar o impacto causado pela época à obra do autor, pois sendo da época da Ditadura Civil Militar Brasileira, o mesmo sofreu o peso da censura sobre a liberdade de expressão. Como suas obras eram críticas aos interesses das pessoas que detinham o poder do controle social, havia um clima de impedimento às críticas e, o que se tinha era que estas deveriam ser evitadas para não despertar revolta na sociedade.

As críticas sociais em suas obras se remetem por diversas vezes a questões educativas, essa relação educativa, é a questão fundamental observada para encontrar e apresentar suas contribuições para o ensino durante esta pesquisa. Para executar tal tarefa, vamos observar desde os cartuns mais antigos de Millôr Fernandes, de quando o Pif Paf deixou de ser uma coluna e se tornou uma revista, no ano de 1964 até 1970, e perpassando pelo Pasquim de 1969 a 1979.

A linguagem em charges e/ou cartuns de Fernandes foi escolhida devido ao fato do autor trabalhar em seu humor gráfico a sátira, especialmente com temas referentes à política, a crítica social, e ao cotidiano, dentre outros; questões estas que também são relevantes no ensino de História, pois remetem a como vivem as pessoas, as suas angústias,

sofrimentos, leituras de mundo e formas de dar significado às suas experiências, ou seja, à cultura.

Nesse sentido buscar alinhar as fontes discutidas e o ensino de História se apresenta como possibilidades metodológicas, pois implica em provocar reflexões sobre leituras variadas de mundo na sala de aula. A questão que se pretende chegar e que pode trazer mudanças são as formas como são tratadas este gênero textual em sala de aula. Apesar da sua relevância e do seu potencial linguístico, muitas vezes são superficialmente vistas, lidas, analisadas, pouco decifradas e discutidas no ambiente escolar.

É preciso rever as perspectivas sobre seu uso no ensino, percebendo que são mais do que piadas gráficas permeadas por humor, ironia e sarcasmo, são tipos de textos que podem criticar e denunciar as mais diversas situações do cotidiano, e por isso mesmo, elas estão cada vez mais presentes em provas de concurso e vestibulares, fazendo o candidato recorrer a algumas analogias construídas em sua cultura para entendê-la e interpretá-la. Nesse caso o que se percebe é que já existe um ambiente escolar favorável ao uso dessas linguagens no ensino, o que mostra a pertinência dessa pesquisa e de suas propostas didáticas.

As charges podem fazer uma crítica social, cultural ou política. Ivam Cabral da Silva em sua dissertação de mestrado destaca com referência aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que “A leitura de charges está indicada nos PCN’s como um dos textos a serem priorizados nas aulas de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 54, *apud* SILVA, 2008, p. 121)”. No entanto, percebemos que também no ensino de História, a charge e o cartum podem se tornar elementos que ajudam a pensar não só o passado, como o próprio presente, pois tematizando a vida dos sujeitos esses escritos e imagens podem contribuir para um processo de ensino mais próximos dos alunos, pois sua linguagem, não raro, é mais acessível que outras a um número maior de estudantes.

Para ilustrar o que acabamos de afirmar, na figura 1 trazemos uma questão do Enem do ano de 2013 com o título “Vida social sem internet?”, ela mostra um personagem indagando o outro sobre as quais redes sociais ele usa, e este afirma positivamente ao uso de todas, portanto a pessoa que o perguntou diz que raramente o vê no mundo real devido a tanta dedicação ao mundo virtual.

FIGURA 1- ENEM 2013



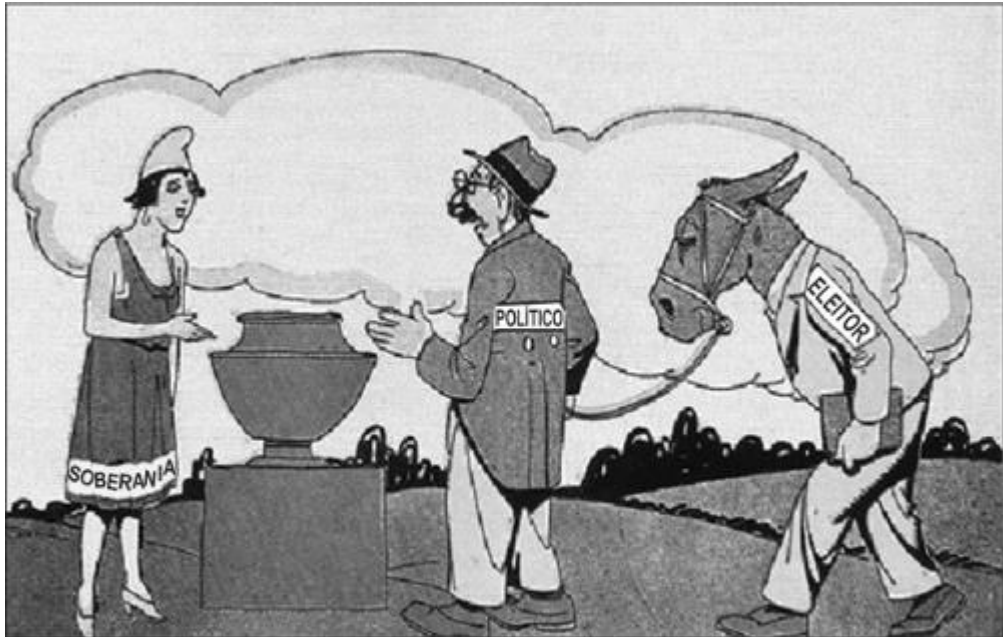
Disponível em: <http://tv-video-edc.blogspot.com>

A charge revela uma crítica aos meios de comunicação, em especial à internet, porque:

- a) Questiona a integração das pessoas nas redes virtuais de relacionamento.
- b) Considera as relações sociais como menos importantes que as virtuais.
- c) Enaltece a pretensão do homem de estar em todos os lugares ao mesmo tempo.
- d) Descreve com precisão as sociedades humanas no mundo globalizado.
- e) Concebe a rede de computadores como espaço mais eficaz para a construção de relações sociais.

A alternativa correta é a letra “a”. Algumas pessoas preferem a interação social através das redes sociais, já que a internet possibilita a conexão com um maior número de pessoas em diferentes locais do mundo. Essa preferência acaba por prejudicar e desumanizar o contato entre as pessoas, crítica que pode ser percebida através dos recursos de linguagem adotados pelo chargista.

FIGURA 2- FUVEST 2014



Storni. *Careta*, 19/02/1927. Apud: Renato Lemos (org.).
Uma história do Brasil através da caricatura. 1840-2006.
 Rio de Janeiro: Bom Texto, 2006, p.35. Adaptado.

Charge sobre antiga prática eleitoral. Reprodução/Fuvest.

Disponível em <http://educacao.globo.com/provas/fuvest-2014/questoes/68.html>

A charge satiriza uma prática eleitoral presente no Brasil da chamada “Primeira República”. Tal prática revelava a:

a) Ignorância, por parte dos eleitores, dos rumos políticos do país, tornando esses eleitores adeptos de ideologias políticas nazifascistas.

b) Ausência de autonomia dos eleitores e sua fidelidade forçada a alguns políticos, as quais limitavam o direito de escolha e demonstravam a fragilidade das instituições republicanas.

c) Restrição provocada pelo voto censitário, que limitava o direito de participação política àqueles que possuíam um certo número de animais.

d) Facilidade de acesso à informação e propaganda política, permitindo aos eleitores a rápida identificação dos candidatos que defendiam a soberania nacional frente às ameaças estrangeiras.

e) Ampliação do direito de voto trazida pela República, que passou a incluir os analfabetos e facilitou sua manipulação por políticos inescrupulosos.

A alternativa correta é a letra “e”. A charge faz uma crítica ao chamado “voto de cabresto”, prática muito utilizada pelos políticos na “Primeira República” e durante o coronelismo, quando esses obrigavam seus eleitores a votarem em seus candidatos para manterem-se no poder. A expressão “voto de cabresto” é uma clara alusão ao nome dado ao boi manso que serve de guia a touros.

Esses dois exemplos remetem ao mundo atual e a sociedade que está formada, pois tratam questões como a vida no universo midiático, mostrando como as pessoas estão cada vez mais ligadas somente ao mundo virtual e raramente se apresentando no real, e a “inocência” do eleitor, que é convencido pelo político das suas boas intenções somente para conseguir seu voto, nos mostrando que o voto de cabresto por esta interpretação de fatos ainda existe.

Considerando minha formação no curso de Licenciatura em Letras e o prévio conhecimento e pesquisas sobre o autor Millôr Fernandes e suas obras, dentre o gosto pelo tema, estes foram os principais pontos que motivaram a escolhê-lo para desenvolver este trabalho e também ilustrá-lo com seus desenhos.

A metodologia de pesquisa usada no trabalho terá como base teórica as reflexões da História Cultural, de forma a interpretar as fontes como bens de cultura, mas também como representações que nos permitem interpretar a cultura e, a partir dessa interpretação encontrar a História que nos interessa, tal como propõe Sandra J. Pesavento. Nesse processo um levantamento bibliográfico sobre o tema e sobre o autor destacado serão fundamentais para nossas problematizações. Serão utilizados alguns cartuns de Millôr Fernandes do acervo da Revista O Cruzeiro, publicadas no período de 1946 a 1960 e da revista o Pif Paf de 1964 e, através de pesquisa na mídia virtual sobre humor gráfico, outras charges e cartuns temáticos como instrumento de análise, que ajudem a problematizar as fontes principais. A partir disso serão feitas as devidas leituras, análises, observações, comparações e assimilações necessárias para chegarmos às conclusões.

Nesse processo há um caráter interpretativo em relação às fontes, pois as mesmas serão problematizadas a partir dos conceitos já enfatizados de representação e imaginário, tomando-os como instrumentos de interpretação do texto, mas também como possibilidades de compreensão da realidade imaginada pelo autor. No momento não se tem intenção de apegar na conceituação de charge e/ou cartum, o que se busca é voltar o olhar para as formas como este gênero textual pode ser melhor aproveitado no ensino de História.

Assim, este trabalho procura mostrar que é possível estabelecer uma relação educativa no ensino de História usando o humor gráfico e as teorias envolvendo a cultura, o

humor e um autor que trabalha humor, ironia e sátira em suas obras, como meio de problematizar o ser humano em sociedade. Se pensarmos esse humano enquanto formador da sociedade, em um dado tempo e lugar, será possível considerá-lo não apenas como sujeitos do passado representado nas fontes, mas também no papel ativo de professor, de aluno ou de pesquisador do presente, no processo de interpretar as situações cotidianas que lhes permitam se posicionar criticamente no cenário em que estão inseridos.

Dessa forma, também é preciso problematizar o lugar institucional ocupado por esta pesquisadora – neste caso citando a posição de técnico-administrativo em uma instituição de ensino superior, mais especificamente em um curso de modalidade Licenciatura – é importante evidenciar os desafios que existem e sempre nos deparamos, não só no ensino superior, como também nas escolas públicas responsáveis pelo ensino e o ensino de História que nos exigem cada dia mais pensar a educação, os processos educativos e suas relações com as pesquisas que se ocupam dos mesmos. Sabe-se que é cada vez mais urgente em nosso país pensar o ensino e, no caso, o ensino de História como objeto de pesquisa, mas também como lugar de produção de conhecimentos e metodologias que contribuam com o ensino de forma ampla.

De acordo com as questões apresentadas, este estudo será direcionado às práticas educativas, sociais e ao ensino de História. É esperado que os resultados obtidos, em muito contribuam como fontes de pesquisa e melhorias na qualidade da educação; aos interessados em pesquisar sobre Millôr Fernandes e/ou gêneros textuais que incluem charges e cartum, e no geral para as instituições de ensino.

Dessa forma, o presente trabalho foi dividido em três assuntos principais. Primeiramente vamos conhecer um pouco das teorias sobre a História Cultural e os conceitos sobre imaginário e representação; sobre o humor gráfico, charges, cartuns, ironia, sátira, humor e riso.

Logo depois vamos falar sobre Millôr Fernandes e apresentar alguns de seus cartuns que tanto foram polêmicos e contemporâneos na época. E por último, vamos fazer uma relação entre a teoria e a prática sugerindo uma proposta didática de intervir metodologicamente no ensino de História. Esta proposta inclui a elaboração de um conjunto de aulas-oficinas, para o Ensino Médio, que usem as obras de Millôr Fernandes para debate do tema Ditadura Civil Militar Brasileira e, ainda temas transversais como, política, etnia, gênero, raça, preconceitos, além de outros.

O objetivo principal é propor aulas de História que busquem desconstruir visões de mundo preconceituosas que possam existir e impedir a expansão delas. Ou seja, a ideia é

apresentar aos professores e professoras de História possibilidades de aulas que deem ao seu trabalho uma função social muito clara: a interpretação da História não é só interpretação do passado, mas também possibilidade de ação no presente.

Portanto, o intuito da pesquisa é a aproximação de texto e imagem como suporte e auxílio nas salas de aula, e para isso vamos usar elementos do humor gráfico que são as charges e cartuns no ensino de História. Através das imagens podemos explorar diversas possibilidades, e uma delas é trabalhar o passado de forma a compreender o presente e influenciar a formação de um sujeito crítico, tal qual é o ofício do historiador.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA CULTURAL: OS CONCEITOS SOBRE IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM AS FONTES

Ao longo do último século muitas mudanças foram ocorrendo nos procedimentos e abordagens dos estudos históricos, uma delas foram determinadas pelas diversas possibilidades de investigação no campo da História Cultural e fizeram com que esta área ganhasse grande espaço nas novas pesquisas. Com isso, foram surgindo razoável procura de pesquisadores por orientações e pesquisas inspiradas nessa abordagem historiográfica, e provocou um disparo no número de trabalhos e o consequente crescimento de publicações, pesquisas e leitores pelo mundo inteiro.

Visto que charges e cartuns – objeto de estudo da realização desta pesquisa – estão diretamente relacionados com a cultura e a linguagem, justifica-se a necessidade de conhecer a História Cultural, que também faz parte, como aporte teórico, da linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em História ao qual estamos vinculados, ou seja, Cultura, Linguagens e Ensino de História.

Uma das principais mudanças efetivadas pela História Cultural foi a reorientação do historiador a partir dos conceitos de representação e imaginário. A ideia de representação divulgada pela História Cultural teve como ponto de partida a obra de Roger Chartier “A História Cultural: Entre Práticas e Representações”, e as definições atribuídas por este autor em suas teorias: “não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo” (CHARTIER, 1991, p. 66); “não existe história possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação” (CHARTIER, 2004, p.18).

As teorias sobre a Nova História e História Cultural surgiram para auxiliar na compreensão da complexidade dos fatos históricos passados, muitas vezes questionados pela ideia de verdade e veracidade. A História tenta se aproximar ao máximo do real por estes conceitos para trilhar os caminhos mais próximos da realidade, no entanto sem pretender uma verdade absoluta, mas sim a um “efeito de verdade”, como diria Carlo Ginzburg (2007).

Pesavento em seu livro História e História Cultural (2012), afirma que as representações são construídas sobre o mundo, e fazem com que os homens percebam a realidade e nela baseiem a sua existência.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2012, p.21).

Portanto, a autora quer nos dizer que representar é estar no lugar de (o objeto, ou pessoa, ou coisa representada); é uma ideia de substituição para sentir a ausência e assim perceber a presença do representado; são ações portadoras do simbólico.

Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. (PESAVENTO, 2012, p.21).

A proposta da História Cultural seria, pois, se aproximar ao máximo do real referente ao passado por meio de suas representações, assim essa história, por seu lado, se torna uma representação que resgata representações; colocando-se no lugar do ausente para sentir sua presença, e com isso fazer uma construção sobre o objeto ou pessoa/animal/coisa representado. No mesmo caso, a História pode assumir este papel, uma vez que ela é também uma representação que, ao tomar o passado como seu objeto o faz presente, pois ele não existe mais.

Neste sentido, o conceito de imaginário se apresenta como parte das mudanças conceituais e metodológicas advindas pela História Cultural, e associa-se à ideia de sistema de representações a uma ideia de construção social e histórica de um mundo paralelo de sinais sobre a realidade.

Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo [...] A ideia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a ideia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica. (PESAVENTO, 2012, p.23).

Na História Cultural, o imaginário se torna um conceito central para a análise da realidade, a traduzir o vivido e o não vivido, ou seja, o suposto e o desconhecido. Nas análises de charges e cartuns, este conceito se torna fundamental na interpretação do fato e/ou personagem em questão, e também instiga e desenvolve a consciência histórica¹ do sujeito.

Para se entender a História é indispensável o uso da leitura e da escrita, a produção da escrita e a recepção pelo leitor se articulam permitindo essa comunicação, e as novas correntes da História Cultural podem colaborar para nortear a compreensão da narrativa da História.

Sobre o discurso e o real, Pesavento afirma “Se formos pensar as relações que se estabelecem entre o discurso e o real – ou da representação com o seu referente –, vemos que elas podem se dar por aproximação com as figuras da literatura.” (PESAVENTO, 2012, p.23). Destacando em relação à citação, que a distinção entre História e Literatura deve ser bem pontuada. A autora mostra que o discurso tenta colocar ordem nas informações que são passadas, levando em consideração várias combinações como o sujeito e o social, o sensível e o racional, entre outros.

Segundo Pesavento, o texto é o mediador entre a leitura e a escrita, por isso é importante rever os recursos utilizados entre a leitura e a escrita e aderir às novas técnicas de interpretação e conhecimento apresentadas pela História Cultural, pois assim existe mais probabilidade da narrativa da História conseguir desempenhar seu papel na interpretação dos fatos.

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e o do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário. (PESAVENTO, 2012, p.52).

É importante ressaltar que, a História e a Literatura, em seus variados gêneros, têm compromissos diferentes com o real. Enquanto para a Literatura o real é, pode se dizer o

¹ Partindo das discussões feitas por Luis Fernando Cerri (2011) e Jorn Rüsen (2012), podemos notar que a consciência histórica é uma construção social inerente ao ser humano e se faz presente fora do saber histórico obtido em sala de aula. Tal afirmação se faz pertinente, pois a consciência histórica não se limita à ideia de conhecer as experiências vivenciadas no passado e saber de fato o que ocorreu, mas sim deseja articular presente, passado e futuro. O professor de História sendo um profissional qualificado, pode interferir na consciência histórica do aluno e dialogar com ela, de forma a promover novas possibilidades de orientação para a vida a partir daquilo que já foi vivenciado pelos alunos.

contexto de produção, sem compromisso com o mesmo, para o historiador o real pode ou deve ser tomado como horizonte de referência, pois como diz Ginzburg (2007), o efeito de verdade que a história pretende é firmado em como esse real passado sobrevive nos documentos para o historiador, ou seja, nas representações e no imaginário neles explicitado.

Outro recurso mostrado pela História Cultural são os reconhecimentos das identidades. Estas podem estar relacionadas culturalmente a grupos ou pessoas que se identificam em coletividade, tendo a percepção da realidade nas mesmas construções simbólicas de coesão social, que determina assim a identidade.

As identidades enquanto representação social é uma construção simbólica de sentidos, que organiza um sistema a partir da ideia de pertencimento. É uma construção imaginária que produz coesão social, permitindo identificar a coletividade e estabelece as diferenças. (PESAVENTO, 2012, p.54).

Portanto, o conhecimento sobre os conceitos debatidos que a nova História Cultural vem nos trazer, é um importante aliado no nosso trabalho, pois nos ajudam em muito com a busca de como entender charges e cartuns através das representações e do imaginário.

1.1 CONHECENDO O HUMOR GRÁFICO: ALGUNS ASPECTOS SOBRE CHARGES E CARTUNS.

As Histórias em Quadrinhos no Brasil começaram a ser publicadas no século XIX, antes mesmo do surgimento das editoras. Também chamadas de HQs, gibis ou revistinhas, tinham um estilo satírico conhecido como cartum, charge ou caricatura que, logo depois se estabeleceu popularmente como tiras. A edição de revistas próprias das Histórias em Quadrinhos começou no início do século XX.

É pertinente observar que charges e cartuns não são a mesma coisa, embora por muitas vezes sejam confundidas. Classificada como jornalismo opinativo, os cartuns e as charges revelam a formação cultural e, até mesmo, ideológica do autor, sendo a interdiscursividade² que garante o diálogo da charge com outros textos e discursos. Por tratar

² Segundo Jane Quintiliano G. Silva (2014), o conceito de interdiscursividade alinha-se à concepção de que os discursos se relacionam a outros discursos. Um discurso traz, em sua constituição, outros discursos, é tecido por eles, seja pelos já ditos, em um dado lugar e momento histórico, seja por aqueles a serem ainda produzidos. Isso significa que não há discurso homogêneo, fechado em si mesmo e dotado de uma fonte única do dizer. Ao

muitas vezes de acontecimentos polêmicos, tem relação não só com o presente, mas também com o passado, sendo o contexto histórico, social e político indispensável na hora da análise.

Para interpretar a charge, faz-se necessária a compreensão das condições de produção, isto é, do período em que foi produzida, bem como conhecer as linhas do imaginário social que a constituem e permeiam tanto o autor, quanto o veículo em que foi publicada. Ressalta-se que, para a charge ser entendida, o leitor deve ter conhecimento do assunto e das razões pelas quais ela foi produzida, ou seja, a que situação ou pessoa faz uma crítica ou tece um comentário.

O termo charge, do francês, pode ter sentido de carga ou ataque. [...] A charge geralmente apresenta em um desenho único (embora isso não seja uma regra fixa) uma crítica a um fato jornalístico, um acontecimento recente ou que esteja ainda em evidência, caso tenha se iniciado há muito tempo (o conflito internacional entre árabes e israelenses, por exemplo). Uma vez que trabalha com fatos políticos e sociais, é bastante comum encontrarmos nas charges caricaturas de personalidades públicas. (SILVA, 2008, p. 78).

A interpretação das charges com frequência nos leva ao riso. Ao fazer uma pessoa ridícula, ridicularizada, o sujeito a aproxima de si mesmo, da terra, é o que Bakhtin (1999), chama de rebaixamento, uma das funções dessa cultura do risível que perpassa esses escritos risíveis e que vão funcionar como o processo de aproximação entre sujeitos comuns e aqueles que se consideram superiores, mas que nas mãos dos literatos do humor volta ao rés do chão, portanto ao lugar do riso e da chacota.

Para confirmar o que já foi mencionado aqui sobre o conhecimento antecedente que requer o entendimento dos desenhos, Pagliosa (2005, p. 156) afirma que “para a formalização do humor na charge, criam-se espaços mentais decorrentes das leituras de mundo que o indivíduo faz no decorrer de toda a sua existência”. Isso mostra que é importante valorizar a cultura e o conhecimento que já estão presentes no indivíduo para agregar mais, pois a interpretação e a realização do humor em relação às imagens que virão dependem também desse fato.

falarmos, nossos dizeres são atravessados por outras vozes, por outras fontes enunciativas. O que se está dizendo, numa dada interação social, situa-se em uma rede interdiscursiva, toca em inúmeros fios dialógicos, impregnados de valores, de crenças, carregados de sentidos.

Em relação à diferença dos dois termos, Petrini (2012), afirma que o cartum trabalha com fatos e personagens fictícios para retratar questões comuns a toda sociedade e mostrar problemas gerais e coletivos.

O cartum problematiza sujeitos e situações reais por meio de personagens e temas fictícios. Sua verdade é produzida a partir de situações imaginárias, basicamente com personagens inverossímeis. Diferentemente da charge, o cartum não se utiliza de fatos reais para evidenciar sua sátira. Neste gênero, os personagens são antropomórficos, e a problemática é coletiva, por isso apresenta em seu discurso identidade coletiva, universalidade como forma e generalidade como tema. (PETRINI, 2012, p.29).

Não podemos negar a riqueza textual das charges e cartuns e sua liberdade criativa, pois são carregadas de plurissignificações e provocações. Através delas surge o riso que mostra a realidade por outro ponto de vista. Essa foi a razão da censura de muitas charges de Fernandes durante a Ditadura Civil Militar no Brasil, dos anos 1964 a 1985, visto que aqueles textos eram considerados perigosos, pois além do riso poderiam provocar a revolta em uma classe oprimida. Por outro lado, os escritores faziam suas publicações sempre provocando a população a pensar sobre as ações ditatoriais, e eles esperavam que isto pudesse levá-los à censura, mas o desejo de tocar as pessoas a enxergar os abusos de poder, buscar a igualdade e a democracia falava mais alto como podemos observar nas suas obras.

As charges são muito associadas à crítica em um cenário atual e podem ser encontradas em diversos meios de comunicação. Quando a charge é veiculada em jornal impresso é muito comum que esteja ligada a uma manchete ou notícia, objeto de sua crítica.

A charge, em particular, tem relação direta com o noticiário jornalístico, com os fatos econômicos, políticos e sociais. Ela exige um conhecimento de mundo para que as relações de sentido necessárias à sua leitura se deem de forma significativa. (SILVA, 2008, p. 125).

As relações das charges descritas por Silva podem remeter às representações de mundo criadas pelos indivíduos através da combinação entre o texto, a imagem e o conhecimento de mundo advindos de cada sujeito. Os meios de comunicação dentro e fora da sala de aula é o canal que estabelece a ligação entre esses elementos para chegar à leitura e na compreensão ideal.

A leitura é mais do que distração ou diversão, o humor gráfico encontrado nas charges e cartuns problematiza valores como ética e cidadania que são fundamentais para a maturidade e consciência histórica e política dos leitores, levando a uma reflexão sobre o mundo e as relações sociais que estão inseridas. Estes textos além de divertir pelo seu formato lúdico podem contribuir para ampliar o potencial cognitivo dos leitores. Ressaltar a pertinência do humor gráfico e fazer um paralelo com a teoria seria tentar mostrar a relevância das charges e cartuns para a formação de um leitor crítico.

Para nossa problematização vamos observar a charge da figura 3. Nela vemos um torcedor brasileiro na época da copa do mundo de 2014 no Brasil, a alegria dele vai diminuindo a cada quadrinho que representa sua torcida pelo time, mas que foi tomado pela consciência de outras prioridades que deveriam fazer parte da torcida do país.

FIGURA 3



Fonte: <https://exercicios.brasilecola.uol.com.br/exercicios-redacao/exercicios-sobre-charges.htm>

Através da expressão do torcedor, podemos notar que inicialmente ele se encontra entusiasmado com a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, logo a gradação na mudança de expressão do torcedor, faz-se perceber que ele possui uma visão crítica sobre a realização da Copa no Brasil, pois vai mudando de comportamento a cada quadrinho que lembra de outros recursos que o Brasil deveria investir.

Neste contexto podemos observar como o cartum se vale do processo de risível que Bergson (2007) chama “bola de neve” só que às avessas, pois em vez de ampliar o riso o autor vai levando à tristeza, a medida que o corpo do personagem vai se oprimindo, se constringendo, até se curvar ao peso de uma realidade que não é risível. Nesse caso é nítida a associação de consciência do mundo e tristeza, ou seja, o riso só é possível num ambiente de distanciamento, entre o sujeito e a realidade que o cerca. À medida que compreende o real, esse real é de opressão, portanto o sujeito também está oprimido. Isso nos indica que o cartum é também um medidor de como o sujeito se coloca no mundo e para o mundo, portanto representação de um sentir-se no mundo.

Cartum, ou *cartoon*, do inglês, significa ‘esboço’, teve origem na Inglaterra, que o tem empregado como recurso jornalístico desde 1840, como espécie de paródias e sátiras da vida política cotidiana. Entretanto, segundo afirma Aragão citando Riani (2002, p. 04), a palavra em língua portuguesa adquiriu um sentido próprio, visto que “a utilização do termo cartum como categoria de humor gráfico/caricatura é essencialmente brasileira, uma vez que essa palavra, nas demais línguas, não é entendida no sentido que aqui trataremos”.

Por meio do cartum, o veículo expõe a opinião, e ponto de vista em um desenho que pode, ou não, ser acompanhado de legenda. Também pode ser considerada uma forma de levar ao público leitor, de maneira diferenciada e rápida, o debate sobre os mais variados temas da atualidade.

O termo cartum é um neologismo (aportuguesamento) da palavra inglesa *cartoon*, que significa cartão. Diferente das charges, os cartuns são atemporais. Geralmente eles não fazem referência a nenhuma personalidade ou fato do noticiário. O cartum pode ser considerado um texto de humor universal. Isso significa dizer que a compreensão desses textos não apresenta maiores dificuldades como no caso das charges que exigem por parte do leitor um conhecimento da época, das pessoas e dos fatos envolvidos. São comuns os cartuns de naufragos, bêbados e pessoas não identificadas. (SILVA, 2008, p. 80).

No cotidiano jornalístico, o cartum apresenta ao leitor referências de mundo semelhantes ao dele. É embasado em crítica cultural e ética, expondo os personagens, revelando suas particularidades, posições sociais, políticas e/ou religiosa. Os cartuns têm como características principais: o gênero textual constituído de linguagem não-verbal; a sátira; o humor; a ironia; a comicidade; a flexibilidade; a associação da linguagem verbal ao desenho; as imagens atemporais; uso das palavras, imagens e sentido.

Nas figuras 4 e 5 apresentam-se alguns exemplos de cartuns. A primeira (figura 4) observa-se que Ziraldo está parafraseando a imagem do Tio Sam, que representa a personificação dos Estados Unidos da América (EUA), criado durante a guerra Anglo-americana em 1812 e desenhado em 1870. Foi usada em cartazes a figura do senhor (Tio Sam) com o dedo apontado e com a frase “I Want You”, em português, “Eu Quero Você”, visando recrutar soldados para o exército dos EUA. Dessa forma, podemos fazer alusão à crítica política, ao autoritarismo e abuso de poder do governo e da milícia dos Estados Unidos, visto pela mensagem descrita no cartum “Façam o que eu mando, mas não olhem o que eu faço!”.

FIGURA 4



Fonte: <http://www.tribunadainternet.com.br/>

Neste contexto a imagem foi usada por um jornalista no portal de notícias israelenses. Em tal notícia, o jornalista Amit Leventhal afirmou que os movimentos da Rússia para garantir assistência à Síria em sua guerra contra o terrorismo, estão efetivamente convertendo a Rússia na “superpotência diplomática” com que o “presidente Putin sempre sonhou”. O jornalista entende que o presidente russo tem muito a celebrar, no momento em que “vai sendo gradualmente atingido o objetivo de Putin, de devolver a Rússia ao status de superpotência, capaz de influenciar ativamente a arena internacional”.

Na figura 5 temos um cartum com desenho de um casal desconhecido, em frente ao computador observando dedutivamente as redes sociais por afirmar que o filho que nem

nasceu já tem mais amigos do que os próprios pais. Isto nos faz refletir criticamente sobre a falta de privacidade, a exposição pelo computador que transmite o conhecimento da vida alheia e a velocidade que chegam as informações através das redes sociais.

**FIGURA 5 - CARTUM DE GLASBERGEN –
AMERICANO CARTUNISTA E ILUSTRADOR**



Eu estou grávida de quatro meses e nosso bebê já tem mais amigos no Facebook do que a gente.

Fonte: <https://escolakids.uol.com.br>

Ambos os cartuns se referem à mídia e ao mundo virtual. Atualmente é muito comum ler e receber notícias através do computador, ao mesmo tempo em que a tecnologia ativou a prática e aumentou o acesso à informação, os usuários também deve se preocupar com o sigilo das informações pessoais e tomar cuidado com o que é exposto da sua vida em redes sociais, pois se tornam informações públicas que envolvem toda a vida de uma pessoa.

Como vemos nos cartuns, um dos grandes diferenciais entre cartum e charge é que o primeiro possui um caráter atemporal, visto que o cartum não tem o compromisso com o factual, portanto, tem uma ação mais livre, recorrendo ao imaginário, à história e à memória cultural.

Romualdo (2.000, p. 21) define o cartum como “[...] todo desenho humorístico no qual o autor realiza a crítica de costumes”. Através do cartum é possível captar o imaginário social e político de uma época, seja de modo sutil ou agressivo, mas sempre mediante a um posicionamento crítico em relação ao momento atual.

O cartunista é alguém que procura interpretar de forma satírica uma determinada realidade ou pessoas, por isso o conhecimento prévio do tema trabalhado apesar de não ser

obrigatório, ajuda muito na interpretação do cartum e pode ser adquirido através de leituras, pesquisas, debates, análise de filmes, teatro, televisão, noticiário, jornais, revistas, entre outras estratégias. Ou seja, se faz necessário um processo de contextualização do cartum, bem como do seu autor.

Segundo Gasparovic e Carmo (2014, p. 02), “a linguagem de Cartuns e charges podem ser consideradas como arquivos [acervos históricos], pois são resultados de situações sociais que geram discussões, polêmica, revolta, emoção e afins na população”. Mediante a visão do autor, os desenhos, tanto charges como cartuns podem ser considerados documentos e, portanto fontes de estudo e pesquisa. Neste caso, cabe repensar o uso desta ferramenta para o ensino/aprendizagem, pois em muito pode contribuir para a formação crítica e atualização do indivíduo, levando em consideração que temas atuais estão rapidamente disponíveis na internet e em jornais no formato charge e/ou cartum para que possa ser discutido em uma sala de aula.

Considerando que os desenhos são documentos produzidos pelo homem, destacando o que ele quer mostrar em um momento específico da história, pode-se afirmar que assim como outros documentos históricos, as charges e cartuns são legítimos para a pesquisa histórica, segundo os seus métodos e objetos de estudo.

Os documentos não devem ser analisados apenas por uma visão, pois assim ele não será totalmente estudado, ele pode ser avaliado por uma perspectiva social, econômica, cultural, religiosa, política e também como instrumento de poder. O documento não pode ficar isolado, ele deve ser levado para além dos textos tradicionais e passar de memória para ciência histórica.

Le Goff afirma que documentos e monumentos, materiais da memória coletiva e da História, não são um conjunto do que existiu no passado, “mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam a ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”. (LE GOFF, 1994, p, 01). O autor ressalta que “o documento não é inócuo [...] resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”. (LE GOFF, 1994, p, 09-12).

Já falamos sobre o caráter atemporal do cartum, (atemporal na forma e na ideia, mas não na sua produção, afinal, o autor dele estava em um dado tempo e lugar) ele está associado a textos e fatos independente do tempo em que aconteceu, esta característica faz com que o desenho do cartum tenha sentido em qualquer época em que for visto ou relatado, isto é um ponto que o difere das charges que em geral trabalham com temas mais atuais, não

sendo isso uma regra, pois como os cartuns elas são frutos do tempo em que foram produzidas e suas questões podem ser remissivas a temas atuais, porém estão temporalmente localizadas.

O cartum tem seu tempo pautado por seu momento de produção e não, necessariamente, por sua temática. Para apresentar o caráter atemporal do cartum, segue um dos cartuns mais conhecidos de Millôr Fernandes, intitulado “Autocensura”:

FIGURA 6



Fonte: O Pasquim, n. 43, 12 a 18 de fevereiro de 1970, p. 33.

Esse cartum retrata a própria censura dentro do local de trabalho, talvez o tipo de censura mais forte que possa existir, a autocensura. Em pleno regime ditatorial brasileiro, temos uma ilustração que retrata o clima nas repartições públicas e na vida do brasileiro em geral, o autor mostrou sua visão e como era o ambiente de trabalho frente ao militarismo que reinava na época que o cartum foi criado. Segundo Petrini,

[...] a autocensura é uma forma de controle que cada indivíduo pratica na

vida em função de suas crenças ideológicas, morais, religiosas, obediência, medo, superstição. No jornalismo, a autocensura é um tipo fortíssimo de censura, desenvolvido pela pressão comercial, jurídica e moral, que a própria dinâmica social impõe. (PETRINI, 2012, p. 22)

Os traços do cartum também são muito significativos, temos de um lado a representação do primeiro interlocutor comentando sobre o que falaram sobre o governo. Sua fala indica alguém com posicionamento crítico, um sujeito com aparência descontraída, trajando uma camiseta com um símbolo reconhecidamente marcado como “paz e amor”. Essa representação remete ao imaginário do que a sociedade busca para seu ambiente familiar, profissional e no clima de cidadania. Sendo assim, a representação de uma classe social que é totalmente contra ao regime totalitário que o país enfrentava na época. De outro lado temos a representação de um sujeito contido, com vestes sóbrias, claramente censurando a fala de seu interlocutor.

Esse cartum se traduz no medo de que os mecanismos de censura da época, ou seja, em plena ditadura militar, acabassem fechando o jornal em que a ilustração estava circulando. Demonstra a parcela da população que devido à repressão, temiam demonstrar seus anseios e isto também se manifestava nos jornais que se autocensuravam com medo da repercussão de suas matérias, do fechamento da editora e o temor em relação as suas próprias vidas.³

1.2 A IRONIA E A SÁTIRA

A etimologia da palavra ironia é derivada do latim *ironia*, que por sua vez tem origem no grego *eironeia*, que quer dizer “perguntar fingindo não saber a resposta”, mas também pode significar “disfarce”, “dissimulação”.

3 De acordo com o pensador Élio Gaspari (2016), a Ditadura Civil Militar no Brasil foi o período da política brasileira em que militares conduziram o país. Essa época ficou marcada na história do Brasil através da prática de vários atos que colocavam em prática a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao regime militar. A Ditadura Civil Militar no Brasil teve seu início com o golpe militar de 31 de março de 1964, resultando no afastamento do Presidente da República, João Goulart, e tomando o poder o Marechal Castelo Branco. Este golpe de estado, caracterizado como uma revolução instituiu no país uma ditadura militar que durou até a eleição de Tancredo Neves em 1985. Os militares na época justificaram o golpe, sob a alegação de que havia uma ameaça comunista no país. Ver ainda: 1964: O Golpe que Derrubou um Presidente e Instituiu a Ditadura no Brasil, de Jorge Ferreira e Angela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

A ironia é uma figura de linguagem que consiste no uso de uma palavra ou expressão com um sentido diferente e dessa forma produza humor. Para que a ironia tenha efeito, as palavras devem ser colocadas de uma maneira que não deixe transparecer imediatamente a real intenção. A ironia deve estimular o raciocínio, deve fazer o leitor (ou ouvinte) considerar os diversos sentidos possíveis que uma determinada palavra ou expressão pode ter, até encontrar aquele que se encaixa na mensagem produzindo um significado inusitado.

Geralmente a ironia faz um jogo controverso com as palavras, utilizando uma palavra quando na verdade se quer dizer o oposto dela, mas vale lembrar que ela não é sempre marcada por oposição, às vezes o sentido real do que se diz não é o oposto, mas é diferente, e isso torna a sentença irônica. O poema de Millôr Fernandes a seguir nos apresenta uma situação de ironia:

[POEMEUFEMÉRICO]

Viva o Brasil

Onde o ano inteiro

É primeiro de abril

(Millôr Fernandes)

Na cultura popular brasileira, no dia primeiro de abril é comemorado o dia da mentira, o autor diz que no Brasil o ano inteiro é primeiro de abril, dessa forma ele fala sobre as inúmeras mentiras que são contadas neste país, ou seja, são tantas que faz do Brasil o próprio primeiro de abril, pois não é só um dia, mas sim o ano inteiro. Ao usar o termo primeiro de abril, Millôr Fernandes remeteu ao imaginário social que se refere a este dia como dia de contar mentiras, e de acordo com o que diz culturalmente a respeito deste dia as pessoas que lerem o verso já entendem nas entrelinhas o que se deseja representar.

O estilo satírico foi popularizado pela literatura a partir da comédia e seu ápice é atingido pela obra de Giovanni Boccaccio, na Itália no século XIV. Na Idade Média, o gênero já consolidado, é marcado por cantigas trovadorescas de escárnio e maldizer. Essas foram produzidas em finais do século XII até meados do século XIV pelos trovadores da Galícia e de Portugal. Ainda na Idade Média, Monges e burgueses franceses são satirizados pelo escritor francês François Rabelais (BAKHTIN, 1999).

A maioria dos autores divergem sobre a origem da sátira e não há uma definição completa devido à sua complexidade. A intenção de crítica social aparece desde os primeiros

desenhos da pré-história, e dessa forma a sátira é usada como instrumento para expor ideias e ainda como ferramenta lírica.

Paulo Soethe em artigo sobre as reflexões acerca do discurso satírico refere-se à sátira como qualquer obra que expõe punição ou ridicularização de um objeto:

Em literatura o termo pode referir-se a qualquer obra que procure a punição ou ridicularização de um objeto através da troça e da crítica direta; ou então, a meros elementos de troça, crítica, ou agressão, em obras de qualquer tipo. A partir desse último significado, ainda bastante amplo, é que a teoria da literatura atribui um sentido mais específico à sátira, qual seja o de representação estética e crítica daquilo que se considera errado (contrário à norma vigente). Isso implicaria, na obra, a intenção de atingir determinados objetivos sociais. (SOETHE, 1998, p. 3).

Em termos gerais, a sátira é uma técnica literária ou artística que ridiculariza um determinado tema (indivíduos, organizações, Estados), como forma de intervenção política ou outras, com o objetivo de provocar ou evitar uma mudança. Trata-se, portanto, de uma crítica social feita às pessoas e aos costumes de maneira humorística e gráfica. Por este motivo, muitas sátiras têm como alvo os políticos, artistas e pessoas com alguma relevância social.

Vale notar que a sátira nem sempre é literária, sendo também usada no cinema, na música, na televisão, entre outros meios. Dentre as características principais da sátira está a utilização de técnicas como a diminuição e o aumento do objeto da crítica. É também comum a sátira apresentar diálogos com mistura de estilos, o uso de recursos que vão da maledicência ao obsceno são bem notados quando representam tipos às vezes deformados e cheios de vícios.

Hansen faz uma breve apresentação de como a sátira se realiza entre os tipos deformados e viciosos e a seriedade e gravidade da representação contextual:

Além de apresentar diálogos, apresenta-se como mistura estilística em que a maledicência e a obscenidade da representação caricatural fantástica de tipos deformados e viciosos dialogam com a seriedade e a gravidade da representação moral icástica da persona satírica virtuosa, segundo o princípio latino do *ridentem dicere verum*⁴, inúmeras vezes reciclado e prescrito até o século XVIII neoclássico. (HANSEN, 1991, p. 4).

4 A frase é um provérbio latino vindo da Roma Antiga, e em uma tradução livre seria “rindo, disse a verdade”. Significa usar o riso para criticar determinada ação ou expressão, ou seja, a ironia propriamente dita.

Também como marca da sátira está a denúncia de assuntos que podem ser tratados de maneira séria. No entanto, devemos lembrar que nem toda sátira é destrutiva, embora tenha forte ação no ataque e na desmoralização, ou como já dito antes nos processos de rebaixamento. Ela aplica de maneira cômica o texto aos personagens, ressaltando defeitos e carências morais e de caráter, é assim que se usa o humor para censurar algumas práticas prejudiciais.

A figura 7 é um cartum satírico contra o terrorismo no mundo, chama a atenção para a unicidade da vida, pois uma vez tirada nunca mais irá retornar e os homens que fazem tal prática não dão valor a isso.

FIGURA 7

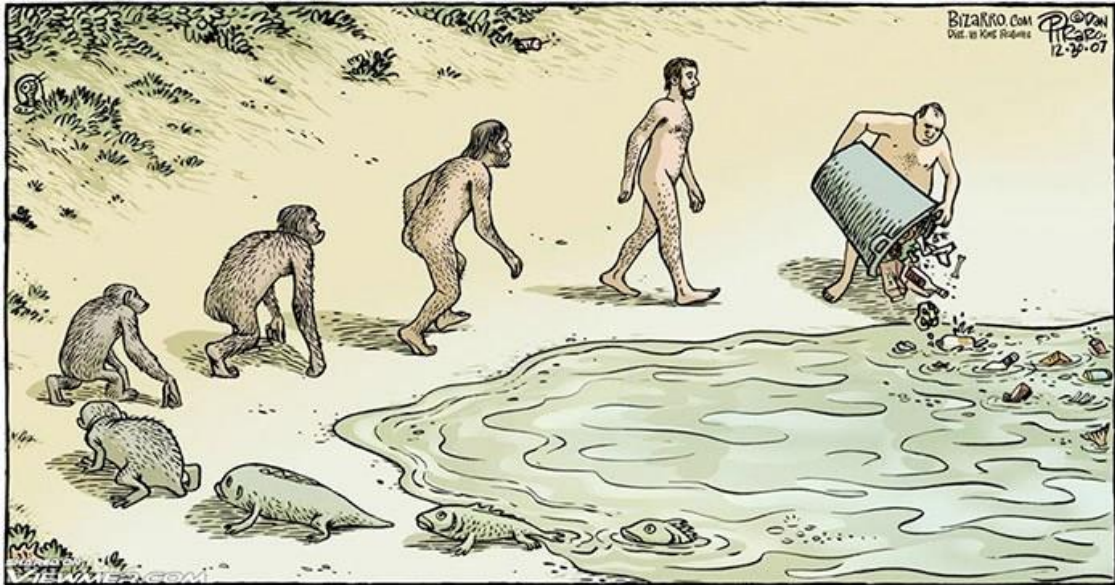


Fonte: <http://rbssdb.blogs.sapo.pt/79094.html>

Este cartum intitulado “Escola de Terroristas do Afeganistão”, foi publicado em 21 de março de 2008 entre os cartuns satíricos mais visualizados, e foi uma manifestação de apelo contra o terrorismo no mundo.

A figura 8 é um cartum que satiriza a teoria da evolução do homem, mostra como o ser humano é inconsciente no descarte do seu lixo e é o único responsável pela poluição ambiental.

FIGURA 8



Fonte: <https://zupi.pixelshow.co/15-cartoons-satiricos-para-comemorar-o-darwin-day/>

A imagem do cartum foi retirada de uma revista online que selecionou quinze principais cartuns satirizando o Darwin Day dia 12 de fevereiro. O Dia de Darwin é uma comemoração do aniversário de Charles Darwin em 12 de fevereiro de 1809. O dia de Darwin é comemorado em todo o mundo e é usado para destacar as contribuições de Darwin à ciência e promover a ciência em geral.

Portanto, as figuras 7 e 8 são cartuns satirizando diferentes temas, porém são possíveis de serem contextualizados em qualquer momento em sala de aula, problematizando questões importantes para a sociedade.

1.3 O HUMOR E O RISO

Seja na televisão, no jornal ou nas redes sociais, sempre nos deparamos com o humor no universo do entretenimento. O humor abrange terrenos além da risada, pode levar além da piada e pode causar mais conforto em uma relação interpessoal. Com o surgimento da rede de internet⁵, o gênero ganhou maior socialização e rapidez de informações; dentre

⁵ Atualmente a internet é um dos meios de comunicação mais utilizados devido à praticidade, rapidez, viabilidade e eficácia para o que se procura. O humor tomou grande dimensão através dela e uma das mais conhecidas manifestações de humor na rede são os memes. Com a velocidade da internet, os memes se espalham entre vários usuários rapidamente e tomam grande popularidade. Meme é um termo grego que significa imitação, o termo é bastante conhecido e utilizado referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação.

charges, cartuns e/ou notícias cômicas, o humor se consolida como uma ferramenta de informação e um formador de opiniões.

De acordo com Rabaça e Barbosa, “As primeiras manifestações do desenho de humor registradas no Brasil remetem à exposição de Carlos Thiré, no Rio, na década de 50 e à famosa exposição de Millôr Fernandes, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1957.” (1978, p. 19 *apud* ARBACH, 2007, p. 213).

Na teoria de Folkis (2004), o autor fala dos efeitos favoráveis do humor e como através dele podem ser tratados temas de difícil discussão e, ao mesmo tempo, ter a aceitação da sociedade na grande maioria. O autor também destaca o fato de não haver somente diversão e riso, mas também um assunto implícito de grande importância social.

Temas tabus como o racismo, o homossexualismo e a política, entre outros, não seriam possíveis, ou seriam tratados com muita cautela por outros discursos que não fosse o humorístico [...] como qualquer outro, traz as marcas sócio-históricas – as diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados que nele se manifestam e, por isso, ele não deve ser entendido apenas como um instrumento de diversão; o que nele está sendo dito não pode ser simplesmente ignorado. (FOLKIS, 2004, p. 01).

Waldenia Klesia Maciel Vargas Sousa (2009) mostra uma controvérsia sobre o humor – referindo-se à seriedade – mas, não a seriedade que tem as imagens e cartuns e sim a que o discurso traz: “o humor é coisa séria, principalmente o discurso humorístico, porque nele são veiculados temas de fundamental importância para a sociedade, são levantadas discussões e questionamentos” (SOUZA, 2009, p.37).

É importante refletir sobre essa afirmação da autora, sendo que são ações e contextos que irão ficar internalizados na aprendizagem e na concepção do que o humor abrange. Um passo equivocado, uma interpretação mal feita é o suficiente para surgir preconceitos, zombaria, *bulling*, piadas e brincadeiras de mau gosto, principalmente se referindo ao gênero, classes, raça e etnias, entre outras formas de desrespeito, partindo dos recursos que o riso e/ou humor tem de fazer com que essas práticas ganhem uma justificativa socialmente aceita, o famoso “eu estava brincando”.

De modo geral o humor se definiu como um estado de espírito do indivíduo, e com isso ouvimos muito dizer que uma pessoa está de bom ou mau humor. Vários filósofos, dentre eles Bakhtin (1999) em seu estudo sobre Rabelais; Minois (2003) em sua História do riso e do escárnio; Bergson (2007) em suas reflexões sobre a significação e as formas de

comicidade; e os brasileiros: Verena Alberti em seu estudo sobre riso e risível e Eliás E. Saliba, em seus estudos sobre o riso na Belle Époque, tentaram interpretar e responder às questões sobre o conceito e a aplicabilidade da natureza do humor e do riso, que são coisas diferentes, mas que tocam nas maneiras de nossa cultura rir e provocar o riso, resultando (ou não) em humor. Diante das possibilidades de interpretação dos desdobramentos sobre o humor que surgiram as teorias da superioridade, da incoerência ou incongruência e da libertação ou alívio, já as teorias sobre riso e risibilidade são direcionadas para explicar os fenômenos, causas e situações envolvendo o riso.

Através dos estudos e dessas teorias, o humor e as diversas situações de concretização do riso vão aos poucos tomando sentido, de maneira a ser compreendido que, vinculado a um contexto podemos presenciar risos em diferentes formas de manifestações, dentre algumas estão a comicidade ou rebaixamento, ridicularização, superioridade, escárnio, e ao mesmo tempo em casos humorísticos, alegria, alívio, libertação, dentre outras.

Em uma das frases marcantes de Millôr Fernandes encontradas na rede de internet, inicialmente assinada por Vão Gogo, o que mostra que foi criada na mesma época em que redigia a coluna O PifPaf, que diz "o homem é o único animal que ri. E é rindo que ele mostra o animal que é", observamos que apesar de desconstruída atualmente, pois hoje se sabe que outros animais como os macacos, os cães e até os ratos podem rir, a frase escancara o caráter social do riso. A risada é um dos comportamentos humanos de regulação da interação social, facilitando a aceitação no interior de uma conversa ou de um grupo.

No ambiente escolar, que sempre são formados por grupos e turmas, sabemos da dificuldade de manter a disciplina constantemente, sendo ela imposta pela escola e necessária à eficiência e bom andamento para as aulas atingirem seu principal objetivo, no entanto, em vários momentos são feitas determinadas brincadeiras que às vezes revelam certo tipo de caráter preconceituoso. Desta forma o humor toma um lado bem delicado, que deve ser tratado com muita cautela para que não seja reproduzida uma visão de desigualdade na sociedade.

O riso é excluído dos ambientes de ensino/aprendizagem por uma concepção conservadora desses espaços, mas considerando o riso como fenômeno do ser humano, não deve ser tratado de forma pejorativa e este trabalho tenta visualizar isso, mostrando que textos de humor e risíveis, podem sim, ser usados em sala de aula, ampliando discussões, ativando interpretações e, por fim, possibilitando maior interesse dos alunos pelos temas estudados.

Nos momentos de procura por descontração, a pessoa que faz piada com alguma situação, pretende causar o riso nos demais participantes de um grupo e também em si

mesmo. Cada formação do riso liga-se com uma forma diferente de sentimento ou emoção, se o riso vem da admiração está mais relacionado à alegria e à felicidade; quando vem do escárnio, pode estar se referindo ao ódio ou desprezo. Em relação ao humor, Carmelino afirma que a graça pode despertar interesse, atenção, orientar o pensamento e explorar o sensível social:

Ao defender uma posição ou opinião, o orador pode valer-se da graça para despertar interesse, prolongar atenção, excitar ou acalmar as emoções, orientar o pensamento, guiar ações, estabelecer acordos, ou seja, provocar algum tipo de ação. Por meio do humor, o orador pode explorar o sensível dos fatos sociais, incitando o riso e a reflexão do auditório. (CARMELINO, 2012, p. 55).

O riso sempre traz consigo algum sentimento implícito, que pode ser zombaria, escárnio, espanto, admiração, desprezo e ódio. Este reconhecimento é relevante no sentido de se atentar à interpretação do outro, uma vez que além dos tipos de preconceitos já citados, o motivo da zombaria pode ser uma pessoa que não irá se sentir nem um pouco confortável com a situação.

Portanto, deve-se tomar cuidado com os caminhos que o humor e o riso podem tomar. Como dito por Waldenia Klesia Maciel Vargas Sousa (2009), o humor é coisa séria, sendo usado de forma correta pode ser uma ferramenta interdisciplinar de grande eficácia nos processos de ensino e aprendizagem, mas se por um deslize tomar proporções irregulares e desagradáveis, pode comprometer o ensino e o conhecimento e causar sérios danos às emoções e ao psicológico dos grupos atingidos.

Defende-se, pois que os estudos sobre humor e o riso devem ser ampliados e debatidos dentro do ambiente educacional, pois assim haverá oportunidade de ser bem estudado e esclarecido, para não colaborar com os atos de discriminação e desrespeito ao ser humano. Portanto, o ideal é procurar que este conhecimento seja entendido e praticado de forma interativa entre os indivíduos e a sociedade, tanto na escola como fora dela.

A partir do exposto sobre o humor, no próximo capítulo contextualizar-se-á um intelectual brasileiro que é humorista, cartunista, chargista e um grande pensador que muito contribuiu na difusão da ironia e da sátira brasileira. Millôr Fernandes criou diversas charges e cartuns com as características antes mencionadas e é um autor contemporâneo tomado como sujeito do trabalho aqui exposto, a partir da escolha de suas obras como objeto de problematização e reflexão histórica.

CAPÍTULO II

MILLÔR FERNANDES: UM PENSADOR CONTEMPORÂNEO

“Se você ainda mantém
A intenção moral-visual
De só encarar homens de bem
Segue este meu conselho:
Sai da rua,
Vai pra casa,
Tranca a porta
E quebra o espelho.”
(Millôr Fernandes).

Millôr Fernandes nasceu em 1923 no Rio de Janeiro e foi um importante escritor, desenhista, roteirista de cinema, jornalista, dramaturgo e humorista, não necessariamente nessa ordem. Tornou-se um dos mais renomados escritores e cartunistas do Brasil, encantando todas as gerações com suas críticas sempre pertinentes à nossa sociedade, falando sobre política, história e tudo o que julgava necessário para propor uma nova maneira de reflexão sobre o Brasil e sobre o mundo. Seu acervo com mais de sete mil peças foi transferido após sua morte, em 2012, para o setor de iconografia do Instituto Moreira Salles, na Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro. Sua atuação na mídia impressa constitui alguns dos principais experimentos do que se conhece por imprensa alternativa no Brasil.

Com a morte de seu pai, Millôr começa a trabalhar aos 14 anos no periódico O Jornal graças à ajuda de um tio e apenas um ano depois inicia o seu trabalho na revista O Cruzeiro⁶, como repaginador, contínuo e faz – tudo.

6 O Cruzeiro foi uma revista brasileira semanal ilustrada, lançada no Rio de Janeiro em 10 de novembro de 1928, editada pelos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Estabeleceu uma nova linguagem na imprensa brasileira: inovações gráficas, publicação de grandes reportagens, ênfase ao fotojornalismo e fortalecimento da parceria entre repórter e fotógrafo. Com o regime militar e a ascensão de outros conglomerados, como as Organizações Globo – os Diários Associados começaram a perder seu prestígio. O desuso de suas fórmulas e o surgimento de novas publicações como Manchete e Fatos & Fotos também contribuíram para o fim da revista em julho de 1975. Fonte: <http://opinioenoticia.com.br/cultura/o-cruzeiro-a-revista-que-mudou-a-midia-nacional/>

Nesta frente, se via envolvido eventualmente com atividades próprias das oficinas, dos laboratórios e da diagramação, bem como em demais setores do periódico que requisitassem sua ajuda. Oportunidades que aproveitava para conhecer todo o processo de produção de um periódico. (BUNETTO, 2013, p. 02).

Durante seu trabalho na revista O Cruzeiro, Millôr Fernandes cria o seu pseudônimo, Vão Gogo, e acredita-se que faz isso para que possa se resguardar dos regimes censores de uma sociedade corrupta da época de 1937 a 1958. Depois de O Cruzeiro, Millôr passa a trabalhar na revista em quadrinhos O Guri, traduzindo as legendas das HQ's do inglês para o português. Passa depois a escrever para a revista A Cigarra e lá conquista uma coluna fixa – Poste Escrito – com frases, versos e humor inteligentes, sempre assinadas por seu pseudônimo Vão Gogo. Retorna depois para a revista O Cruzeiro, sendo que esta circulou no Brasil de 1928 a 1975, sendo muito aceita, chegando a alcançar 750 mil exemplares em 1954. A partir de 1958 passa a conduzir sozinho a coluna Pif Paf, produzida até 1963, quando entra em conflito com a Igreja Católica por publicar uma edição especial sobre A verdadeira história do paraíso, que fora encomendada pela revista O Cruzeiro, ponto este que culmina num conflito entre Millôr e a revista e o faz parar de produzir. Em 1964 a coluna assume o formato de revista, junto com colegas como Ziraldo, Fortuna, entre outros, tornando-se um marco da imprensa alternativa brasileira.

Pif Paf nasceu sem nenhum esquema profissional de produção. Os humoristas entregavam suas colaborações, mas não trabalhavam na revista. Millôr Fernandes, com a experiência de O Cruzeiro, produzia tudo. Uma precariedade que se tornaria marca registrada da imprensa alternativa. (KUCINSKI, 1991, p. 24 *apud* FERRERIA, 2009, p. 6).

Segue abaixo a capa da primeira capa da revista Pif Paf:

FIGURA 9



UM PONTO DE VISTA CARIOCV





Diretor — Millôr Fernandes
Diretor Comercial — Yllen Kerr
Diretor de Arte — Eugênio Hirsch

Os pontos de vista expressos nesta revista, por mais disparatados, paradoxais, conflitivos ou estúpidos, são de absoluta responsabilidade da direção.

PENSAMENTÃO

Todo homem de bom senso aceita o mundo como ele é. Só os loucos tentam reformar o mundo. Portanto, todo progresso depende dos loucos.

GEORGE BERNARD SHAW (Um Escritor Irlandês)

como princípio:

I / Estamos convencidos de que o pior da nossa Democracia é que ela acaba sempre na mão dos democratas.

II / Precisamos rever todos os princípios da Justiça Brasileira. Nossa Justiça ainda tão complicada, tão cheia de burocracia, que dentro em breve ninguém mais terá coragem de ser malfeitor.

III / Pretendemos meter o nariz exatamente onde não formos chamados. Humorismo não tem nada a ver e não deve absolutamente ser confundido com a sórdida campanha do "Sorria Sempre". Essa campanha é anti-humorística por natureza, revela um conformismo primário, incompatível com a alta dignidade do humorista. Quem sorri sempre ou é um idiota total ou tem a dentadura mal ajustada.

IV / Nossa intenção básica é fazer com que os homens de bem se arrependam.

MF



V / Os comunistas são contra o lucro. Nós somos apenas contra os prejuízos.

VI / Jamais esqueceremos o fundamental: Da vida ninguém escapa.

VII / Procuraremos mostrar que este país não pode melhorar enquanto o governo gastar todo o seu dinheiro na propaganda da rêsca e a oposição colocar todo seu esforço na condenação do furo.

VIII / Esta revista será de esquerda nos números pares e de direita nos números ímpares. As páginas em cor serão, naturalmente, reacionárias, e as em preto e branco populistas e nacionalistas. Todos os comerciantes e industriais que não anunciarem serão olhados com suspeitas pois "quem não anuncia, se esconde".

IX / Devemos rever tudo pois estamos seguros de que mais vale um pássaro voando do que dois na mão, cão que ladra só não morde enquanto ladra, e, se o hábito não faz o monge, contudo fá-lo parecer de longe. Por isso a cavalo dado deve-se olhar os dentes com atenção redobrada.

X / TODO HOMEM TEM O SAGRADO DIREITO DE TORCER PELO VASCO NA ARQUIBANCADA DO FLAMENGO.



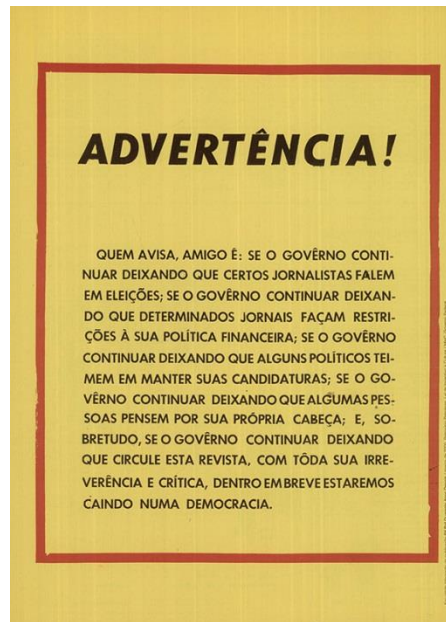
A Revista Pif Paf foi lançada poucas semanas depois do golpe civil militar de 1964 e foi considerada uma das mais importantes formas de imprensa alternativa diante da situação do país. Ela se propunha a questionar todo o medo que pairava naquele momento através do humor. De acordo com Kucinsky (2003), a partir de 1963 havia a existência de dois grupos da imprensa alternativa: de um lado, publicações sob influência marxista e ideologia nacional-popular, e de outro lado um pensamento libertário. Pif Paf encontrava-se no segundo grupo, como pode ser deduzido a seguir:

Cínicos e libertários, os escritores satíricos e cartunistas desempenharam um papel central na resistência à ditadura brasileira. Nenhuma outra categoria se opôs de forma tão coesa. Em primeiro lugar, como diz o Henfil, o humorista tem a consciência de que só pode expressar o que sente das coisas, se tiver absoluta liberdade. Em segundo lugar, esse humor funcionou como terapia coletiva, socializando uma das principais funções psicológicas do riso, a de se dissipar tensões lentamente acumuladas. Por isso, ele floresceu nos momentos de anticlímax do regime militar: primeiro, logo após o golpe; depois, quando se esgotou o impacto do AI-5 e, naturalmente, ao se iniciar a abertura política. (KUCINSKY, 1991, p. 26)

Mas devido à perseguição durante a ditadura civil militar brasileira e inúmeras ameaças e prisões, eles acabam abandonando a audaciosa empreitada, mas não sem antes ironizar e de certo modo atacar a maneira de governar do país. Segue abaixo um dos textos publicados por Fernandes na revista Pif Paf, sendo que este foi considerado um dos pontos que culminaram no fechamento da revista⁷.

⁷ A provocação de Millôr Fernandes na quarta capa da "Pif-Paf" nº 8, de 28 de agosto de 1964, foi a gota d'água para o fechamento da revista.

FIGURA 10



Fonte: <http://memorialdademocracia.com.br/card/pif-paf-de-millor-renova-o-humor-e-a-critica>

O texto em forma de cartaz intitulado “Advertência” revela a revolta contra a opressão causada pela ditadura civil militar. Diante das pressões sofridas durante a época da revista e o seu fechamento, Millôr Fernandes iniciou outro trabalho, dessa vez no jornal O Pasquim, porém suas metas em favor da democracia continuavam sendo dissolvidas em suas publicações.

2.1 MILLÔR E O PASQUIM

O jornal O Pasquim também foi um dos lugares por onde Millôr passou. Criado em 26 de junho de 1969, foi veiculado até 28 de dezembro de 1979. Ele surge como imprensa alternativa e independente para suprir as necessidades de um fazer democrático mediante a realidade de censura que o país vivia naquele momento.

Entretanto, ele se caracterizou por privilegiar muito mais a classe média, e embora seja classificado como imprensa alternativa, havia por trás dele um projeto de criação muito bem definido e seu alcance foi notoriamente maior que a maioria dos jornais alternativos que circularam ao mesmo tempo. Segundo Queiroz, no primeiro número de O Pasquim, foi Millôr quem alertou os fundadores do jornal para a ilusão da proposta independente que eles acreditavam fazer.

Millôr estava expressando as dúvidas de quem se lançava na experiência alternativa e muitas vezes clandestina. Além das dificuldades financeiras e das perseguições dos grupos conservadores da sociedade que apoiavam a ditadura, o medo da prisão ou de desaparecer nela era uma constante. (QUEIROZ, 2008, p. 08)

Já na primeira edição da revista, Millôr publica uma carta relatando as pressões sofridas durante a tentativa de lançar revistas independentes, o autor aponta em tom irônico, uma série de problemas que envolveriam a produção independente, enumerando os inimigos que enfrentariam nos períodos vindouros:

- A) O establishment em geral, que nunca tendo olhado com bons olhos nossa atividade, agora, positivamente, não vê nela a menor graça.
- B) As agências de publicidade, que adoram humor, desde que, naturalmente, ele seja estrangeiro, lá longe, feito pelo Mad publicado no Play-Boy ou filmado pelo Jacques Tati. (Que mordacidade! Que mendacidade! Que crítica social! Que sempiternos pífaros!)
- C) A Igreja que, depois de uma guinada de 360 graus, é extremamente liberal em tudo que seja dito por ela mesma.
- D) A Família, as Classes Sociais, As Pessoas de Importância, Os Quadrados, Os TFM, Os Avant-Chatos que se fantasiam de Avant-Garde, etcetera. (FERNANDES, 1977, p. 14 e 15).

Nesta citação de Millôr Fernandes ele aponta com ironia, os vários contras que seu trabalho e suas publicações recebiam. Pode-se perceber que são fortes grupos que mantinham argumentos conservadores e, para a época, eram bastante priorizados.

Entre os colaboradores do jornal estavam Claudius, Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Prósperi, Millôr, Jaguar, Ziraldo, Fortuna, Luiz Carlos Maciel. Henfil ingressa algum tempo depois, assim como vários outros. Além destes, grandes personalidades também contribuíram para que o semanário se fizesse atuante e entre eles, nomes como Caetano Veloso, Chico Buarque e Chico Anísio, Odete Lara, entre outros. Ainda de acordo com Oliveira, o que de fato contribuiu para o sucesso de O Pasquim foi justamente a sua capacidade de se reinventar, aliando linguagem e atitude, justamente por ser um jornal constituído por desenhistas, que utilizavam o humor como um forte recurso de manifestação.

FIGURA 11



Fonte: <https://www.nexojournal.com.br/>

A figura 11 é uma charge de Millôr Fernandes do ano de 1970, criticando os censuradores do jornal O Pasquim. O desenho mostra o interesse deles no conteúdo da primeira edição do Pasquim, o jornal teve sua primeira edição no dia 26 de junho de 1969.

A publicação foi marcada pelo tom satírico, piadas sobre sexo, drogas, divórcio, e críticas ao governo que a submeteu na constante censura. A publicação enfrentou o período mais duro da ditadura militar brasileira com humor debochado e abordagem criativa.

2.2 MILLÔR FERNANDES E UMA “FERRAMENTA” POSSÍVEL PARA A EDUCAÇÃO

Millôr Fernandes, como já dito, foi um importante escritor e marcou diversas gerações, questionando o que era imposto socialmente através de seu trabalho. Suas críticas feitas à sociedade capitalista, burguesa e que privilegiava sempre uma “minoría” dona dos bens de produção e detentora dos meios de consumo o colocaram em conflito com pessoas, órgãos e mecanismos de censura, que o classificavam como subversivo e viam em sua arte um risco, pois levava a população a entender o que estava acontecendo a sua volta e consequentemente a questionar o estado das coisas.

Millôr usava o humor para atingir o seu objetivo, produzindo sempre cartuns com temas considerados polêmicos e questionando o que fosse através da sátira. A partir disso, o ensino de História pode tomá-lo como aliado para construir conhecimento e proporcionar uma nova visão sobre temas relevantes ao desenvolvimento humano, como a política, o mercado

de trabalho, a crise econômica, a religião, entre outros, especialmente para problematizar o período da ditadura civil militar brasileira.

Millôr Fernandes é reconhecido como um dos principais escritores da imprensa alternativa no Brasil. Por onde passou ele demonstrou dar valor ao tema da liberdade, individual, moral e política, tais quais eram bem regulados no período em que escrevia para O Pasquim. Ele vivia publicando sua obra sobre pressões advindas de muitos lados, e isto fazia com que suas passagens pelas editoras às vezes fosse breve. Suas apresentações faziam sucesso e ganhava leitores por onde passava, principalmente, os jovens. Nas décadas de 1970 e 1980 colaborou com diversos jornais pelo país, porém sua postura crítica e irreverente frequentemente trazia problemas com as direções dos veículos informativos em que trabalhava.

Abaixo temos alguns cartuns que satirizam a moral e a honestidade, ironizando sobre a solidão de uma vida correta. Uma crítica que pode ser levada para vários campos das relações humanas, sendo possível criar paralelos entre o nosso sistema capitalista, os meios de produção e até mesmo o nosso momento histórico.

FIGURA 12



Fonte: <https://www.blogderocha.com.br/cartuns-classicos-de-millor-fernandes-mais-atuais-que-nunca/>

O cartum foi retirado do blog citado na fonte sob a responsabilidade de Elton Tavares, ele criou uma seleção de cartuns clássicos de Millôr Fernandes que continuam na mídia apesar do tempo e publicou no seu canal de informação. A publicação é de 23 de fevereiro de 2015.

Millôr questionava a honestidade e os padrões morais já nos anos 1960 e 1970, declarando que toda a sociedade sempre fala sobre honestidade, mas que de fato pouquíssimas pessoas, órgãos e camadas sociais são realmente honestos.

E por esse motivo pode-se estender essa reflexão para os tempos atuais, principalmente quando se pensa nos acontecimentos que permeiam um ano eleitoral, 2018, a diversidade de candidatos e os escândalos de corrupção que aparecem envolvendo os partidos políticos. Todos os candidatos se declaram honestos, mesmo mediante provas que refutam tal declaração. Enquanto, em contrapartida, temos no mesmo espaço sócio histórico, prisões arbitrárias, que questionam o tempo todo o conceito social de honestidade.

Tal análise deste cartum traz uma reflexão sobre os tempos atuais, o que mudou e se mudou. De fato, o que percebemos é que infelizmente os escândalos envolvendo desonestidade, propina e corrupção no cenário político brasileiro se tornaram mais comuns. Com isso, pode-se destacar o caráter atemporal do cartum em análise, o qual independente da época que foi criado, até hoje ainda faz sentido; e no imaginário social representado pelo autor, predomina aquela ideia de que a honestidade ainda é utopia e está distante de se tornar uma rotina na sociedade, até mesmo porque atualmente não é só na política que existem pessoas interessadas em seu próprio benefício, parece que já virou característica do brasileiro o desejo de querer ganhar vantagem em tudo, e nesse aspecto vive-se diante da regressão e do caos.

Para situar melhor o assunto, foi feita uma pesquisa em rede para buscar cartuns sobre o atual cenário político brasileiro e dentre vários, escolhemos alguns para uma breve análise e comparação ao de Millôr Fernandes que foi acima apresentado.

FIGURA 13



Fonte: <http://www.ibicuritiba.org.br/quem/pp/desafios>

FIGURA 14



Fonte: <http://www.aedmoodle.ufpa.br/mod/forum/view.php?id=128757>

FIGURA 15



Autor: Júlio Costa Neto – jornalista e desenhista

Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/portugues/cartum-e-charge.htm>

Infelizmente a realidade é desoladora e triste, pois foram essas imagens encontradas e realmente é o que se vê nas notícias do Brasil. A figura 12 é uma publicação de 2016, nela o autor mostra um cidadão simples, de classe baixa, observado pela sua aparência e vestuário, falando com seu filho enquanto um personagem com requisitos políticos, bem vestidos e sorridente passa por ele com um suposto saco contendo verba pública e escrito corrupção. Nesta imagem é simples entender o que acontece, o dinheiro público que deveria ser aplicado em saúde, educação, moradia e no futuro dos cidadãos para garantir melhor qualidade de vida aos mais necessitados, é desviado para os líderes do governo investirem em benefícios próprios.

No cartum “Perspectiva de governo” (figura 13), aparece uma imagem vista por baixo de uma mesa de reunião dos membros que fazem parte do governo, na qual todos os participantes usam tornozeleiras eletrônicas, portanto fica óbvio também que não adianta esperar nada de bom vindo de um governo como este.

Na charge sem título (figura 14), observamos um aluno de ensino básico/fundamental, visto a sua linguagem verbal, e também não verbal (sua estatura, suposta idade, modo de falar, etc.) conversando com sua professora sobre o seu desejo de ser vereador quando crescer, pois quer viajar muito. Ao atentar para as diversas hipóteses do que fica subentendido, constata-se que apesar da inocência de uma criança, ela já sabe e/ou pensa que entrar para a vida política é uma das formas de conseguir o que se deseja, é algo bom e fácil, e

assim conseguir ganhar muito dinheiro para viver bem e viajar muito, sobretudo isso quer dizer através da corrupção e da desonestidade que se manifesta neste meio.

Estes últimos três cartuns/charges foram extraídos para estabelecer uma comparação entre o de Millôr Fernandes que mostra a solidão de lidar com pessoas honestas, no período ditatorial, e, desse modo, notamos que desde a época que Millôr criou este cartum, e diversos outros textos e figuras da sua autoria que continham denúncias e protestos, já estava previsto para ele o caos que se instalara no Brasil.

Nessas charges e cartuns são tratadas questões polêmicas e delicadas sobre a política brasileira, pois mostram que o indivíduo praticamente já nasce pensando da forma exposta, e cresce com esse imaginário, mesmo sabendo que a política é feita de leis, e que quem representa o povo tem o dever de ser honesto e prestar contas com a sociedade. Isso é grave, e não devia ser construído na mente das pessoas, pois as mesmas se acostumam que sempre foi assim e simplesmente parecem se acomodar com esse modo de pensar, sem lutar por seus direitos, sem se posicionar criticamente diante dos fatos, sem conhecer o que realmente acontece no universo público, se tornando um indivíduo alienado, isolado e sem reação. Ou seja, tem-se uma frágil democracia que ainda precisa se apresentar como uma forma política que seja para todos e por todos.

Porém, não se deve perder a esperança de lutar para eliminar o desinteresse e a falta de conhecimento que, conseqüentemente, traz a pseudo neutralidade das ações de pensar, criticar e se posicionar. É por isso que o historiador leva a fama de doutrinador, porque quer mostrar para a sociedade um olhar crítico, expondo as desigualdades, as revoltas, os fatos reais do atual cenário brasileiro tanto no aspecto social, político e/ou religioso que sempre batem de frente por defender ideais diferentes; e não é do interesse do governo ou grupos dominantes que a sociedade tenha esta visão e se posicione contra suas ações assim como foi na época da censura dos trabalhos de Millôr Fernandes.

CAPÍTULO III

O USO DE CHARGES E CARTUNS NO ENSINO DE HISTÓRIA

A última parte do trabalho foi pensada de acordo com dois momentos: o primeiro foi durante o desenvolvimento da pesquisa, quando foram usados nos trabalhos acadêmicos, diferenciados cartuns e charges para debater algumas questões polêmicas, por exemplo, crítica social, preconceitos raciais, de gênero, classes, etc. O outro motivo que levou a pensar este título tem a ver com o produto que se pretende produzir com a pesquisa.

Para concluir esta pesquisa vamos procurar responder algumas questões como: porque usar a charge no ensino de História; Charges na sala de aula: possibilidades de interpretação e reflexão sobre a história; e por fim chegar a uma proposta interdisciplinar que contenha atividades para a sala de aula a partir do humor gráfico.

A proposta pensada como produto para este trabalho segue a ideia da autora Isabel Barca sobre aula-oficina em uma perspectiva construtivista. De acordo com a historiadora portuguesa, para aprender de verdade a turma precisa trabalhar com fontes históricas e fazer conexões entre o passado e o presente. Segundo a mesma, o professor deve se colocar no lugar de investigador social e interpretar os conceitos dos alunos para depois tentar modificá-lo.

Ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação. (BARCA, 2004, p. 132).

Sobre a definição de aula-oficina, Isabel Barca fala que é um modo de trabalhar organizado por ela em 1999 como resultado das aulas que ministrava na Universidade do Minho. A ideia é que, primeiramente, o professor selecione um conteúdo, pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito e, então, selecione as fontes históricas pertinentes para a aula. Em seguida, ele deve orientar os estudantes a analisar os materiais, fazer inferências e

comparações. Todos se envolvem no processo e produzem conclusões históricas, que podem ser mais ou menos válidas e mais próximas às dos historiadores.

No entanto, todas as conclusões históricas devem sempre ser valorizadas, avaliadas e reconceitualizadas com a ajuda do educador. Assim, os alunos tomam consciência do que aprenderam, do que falta saber e do que mais gostariam de conhecer. A aula-oficina vai contra a corrente que não se preocupa com o que ensinar e prioriza em manter o grupo motivado. Em um plano de trabalho sintetizado de uma aula-oficina, tem-se o seguinte quadro:

Paradigmas Educativos – modelo de aula-oficina	
Lógica	O aluno, agente de sua formação com ideias prévias e experiências diversas o professor, investigador social e organizador de atividades problematizadoras.
Saber	Modelo do saber multifacetado e a vários níveis: - senso comum, - ciência, - epistemologia
Estratégias e recursos	Múltiplos recursos intervenientes aula-oficina.
Avaliação	Material produzido pelo aluno, testes e diálogos.
Efeitos sociais	Agentes sociais

Fonte: <https://projetchronos.files.wordpress.com/2017/03/barca-isabel-aula-oficina-do-projeto-acc80-avaliacca7acc83o.pdf>

O quadro representa como seria esquematizada a aula-oficina. É fundamental não só garantir a variedade de fontes, como considerar a perspectiva de cada uma e planejar momentos diferentes para estudá-las. Seguindo esta fórmula, em termos práticos vamos tentar propor uma aula-oficina com charges e cartuns referentes ao período da ditadura civil militar, para então disponibilizar para futuras pesquisas e a quem se interessar por estudar o mesmo assunto.

Quando falamos sobre educação não podemos deixar de citar Paulo Freire, grande pensador da educação, tendo produzido diversos textos falando sobre a inclusão, a interação e a educação que visa a formação de um cidadão capaz de criticar o que acontece a sua volta. Ele influenciou vários movimentos populares de todas as ordens que tinham como objetivo a valorização do diálogo e a interação como fundamentos necessários para garantir a libertação do educando e o direito à educação básica. O método de Paulo Freire, de certa forma,

combina com a proposta de Izabel Barca, pois ambos se preocupam não apenas com a sala de aula isolada da vida comum de estudantes e professores.

Pensando a partir desta premissa freiriana e o uso dos cartuns em sala de aula, como sugere Barca, tomados como documentos históricos, defende-se aqui que o ensino de História pode ser uma ferramenta que fundamenta o pensamento crítico diante de nossa situação atual, do nosso momento histórico de aparente retorno de ideias conservadoras de moralidade, defendendo a família e Deus acima de todas as coisas, por exemplo. Para além da escola, a História vale-se para construir e reconstruir visões de mundo, entendendo as relações sociais constituídas ao longo dos séculos, as decisões e movimentos políticos, as práticas de cultura e modos de vida que influenciaram todo o percurso histórico e como isso nos afetará no futuro.

A partir do que já observamos, se refletirmos que a História Cultural visa decifrar as representações individuais e coletivas que os homens constroem sobre o mundo, e a Educação Histórica apresenta possibilidades de pesquisas no campo do ensino de história nas escolas, das aprendizagens e, ainda, contribui com as inovações das metodologias das aulas, a junção de ambas: uma perspectiva teórica de explicação histórica e uma proposta prática de ensino, nos pareceu uma maneira muito interessante de propor uma metodologia para o ensino de História.

Tomando como processo de elaboração das aulas de história a observação das especificidades da “história que comporta as três maiores invenções da humanidade: o passado, o presente e o futuro de todas as pessoas e não somente dos heróis ou dos poderosos” (SCHMIDT; GARCIA, 2008, p. 12), a Educação Histórica – abordagem que reflete sobre ensino de História e que propõe a aula-oficina – tem a preocupação de como se ensina e de que maneira se ensinam os temas de História às crianças, jovens ou adultos.

Tanto este trabalho como outros realizados nesta linha requer a reflexão das propostas para a disciplina de História. Portanto, cabe dizer que o objeto principal está na Didática da História, de Jörn Rüsen, que, por sua vez, colabora para delinear o campo de pesquisa, considerando a prática e a teoria como elementos imprescindíveis à pesquisa do ensino de História e, ao mesmo tempo, enfatizando as propostas e metodologias para a sala de aula.

Pelo decorrer da pesquisa, já temos a noção de conhecimento do que é a imagem e da importância de charges e cartuns; neste capítulo vamos tratar de modo geral o humor gráfico no ensino de História. Um dos objetivos pensados para o presente trabalho seria

refletir acerca da prática de ensino de História inserida num espaço que deve ser construído de forma democrática e que respeite a pluralidade.

As charges e cartuns podem compor as aulas de História em variadas temáticas e, dessa forma, tornar as aulas mais estimulantes, uma vez que o humor gráfico pode despertar o interesse dos discentes pela matéria e as aulas podem ser também interdisciplinares por trabalhar com a arte e a linguagem, possibilitando um trabalho em conjunto.

Conforme Barca, a proposta inicial é construtiva e dialógica, o que nos permite o uso do humor gráfico como forma de intervir no ensino de História, com temas relacionados ao conhecimento sobre a Ditadura Civil-Militar e fazer relações com as questões sociais, para provocar a reflexão crítica do grupo ao qual será direcionado, revelando seus olhares e então chegar a um debate de ideias de maneira a construir e desconstruir as diversas visões que surgirem, de acordo com que cada uma terá ou não de benefício, havendo uma reeducação e uma reorientação na formação do indivíduo crítico, bem informado e com uma melhor capacidade de interpretar o mundo usando variadas representações que acesse.

O material produzido através da dissertação apresentada, possui uma maneira menos complicada de publicação e divulgação, e com isso consegue-se agilidade, menor burocracia no processo e menor custo ao autor, trazendo vantagem também ao pesquisador em fins de praticidade para encontrar o material e na economia de tempo, que atualmente é uma questão considerada de grande relevância. Isso porque estará disponibilizada no site do PPGH/MP - UFCAT, no repositório de dissertações, o que não nos impede, se oportuno, publicar em outros suportes.

O uso do humor gráfico no ensino de história pode ser uma ferramenta didático-pedagógica de muito valor, pois além da facilidade de ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem independente da fase escolar, o aluno pode usar seu conhecimento de mundo para interpretá-la. Este recurso faz com que o sujeito entenda a imagem também como discurso, colocando sobre as imagens sua consciência histórica sobre valores sociais e ideológicos. Outro aspecto importante na utilização desse recurso é a sua proximidade com o cotidiano, pois as charges e cartuns geralmente são encontrados em jornais e revistas tratando temas atuais e atemporais, que mostram diversão e marcam uma época.

De acordo com as pesquisas apontadas neste trabalho e no que afirma Silva sobre os textos com charges e cartuns, “mais que divertir, podem possibilitar o desenvolvimento de competências específicas no trato dos signos presentes no humor gráfico” (SILVA, 2008, p. 124) e “os textos de humor gráfico apresentam uma rica articulação de linguagens e textos, organizados de forma a desarticular o raciocínio convencional...” (SILVA, 2008, p. 125),

através destas e outras análises temos consciência que a aprendizagem através do aspecto visual é bem recebida pelos estudantes, e que em nosso cotidiano estes alunos reclamam muito das aulas teóricas, porque vão se tornando cansativas devido à quantidade de leitura e informações que são fornecidas. Sendo assim, os textos não verbais podem ser úteis e no momento em que o cansaço aparecer, se tornam interessantes de trabalhar em uma sala de aula, contribuindo para a continuidade e o desempenho do processo de ensino; estes textos podem ser encontrados na forma de história em quadrinhos, charges, cartuns, caricaturas, cartazes, panfletos, etc.

O humor gráfico tanto em charges ou cartuns é um tipo de texto atraente aos olhos do leitor, pois a imagem é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de uma só vez, que bastam ser mais bem investigadas, por isso é importante no ensino e no ensino de História. A charge é “uma fonte histórica das mais ricas, [...] é uma fonte como qualquer outra e, assim como as demais, tem que ser explorada”. (PAIVA, 2002, p.17).

É importante ressaltar que os recursos imagéticos e as formas que o humor gráfico se mostra tornam-se interessantes nas aulas, pois traz uma informação visual para um possível debate e usa a ilustração como conhecimento. Esta prática permite desvendar o desconhecido e provocar as subjetividades inerentes a cada um.

A formação do conhecimento histórico escolar é algo muito relevante e precisa ser valorizado. Este conhecimento seria uma soma do que o sujeito aprendeu e envolvem vários outros conhecimentos, entre eles o popular, o acadêmico, as vivências do seu cotidiano e do meio cultural que faz parte.

Os textos em forma de charges e cartuns se caracterizam em unir a imagem ao texto, fazendo com que o aluno consiga entender algo implícito, tenha o raciocínio para decifrar as imagens e não tenha que decorar ou repetir textos e palavras ensinados somente com teorias, claro que não estamos desfazendo da parte que cabe a leitura, pois sabemos o quanto é importante ter uma bagagem teórica aliada com as imagens. É uma maneira de unir o conteúdo ao conhecimento de mundo do discente para que o aprendizado seja alcançado e possa evoluir conforme chegam novas informações durante sua formação.

Como vimos anteriormente, a imagem como documento histórico possibilita o uso de novas fontes no campo de ensino da História. O papel do professor é fundamental, pois irá tornar possível o uso deste material. Diante dessa realidade não podemos negar que o uso de charges e cartuns no ensino de História traz possibilidades de interpretação e reflexão e com isso influi positivamente na formação da consciência histórica do indivíduo em aprendizagem.

É necessário problematizar a dificuldade de aprendizagem do ensino de História nas escolas e repensar as práticas como um profissional reflexivo e comprometido com o futuro da educação, e logo adaptar os conteúdos à realidade dos discentes para conseguir alcançar as desejadas melhorias.

São muitos os desafios a serem enfrentados pelo ensino-aprendizagem não somente em História, como também nas demais áreas. Desse modo, sugerimos tal método priorizando a inovação através da proposta de aula-oficina feita por este trabalho, visando tornar as aulas mais dinâmicas e não ser tratada como um decorar da matéria. E, a partir da pesquisa realizada, defendemos que Millôr Fernandes é um ótimo autor para trabalhar temas polêmicos como cotidiano, política, religião, gênero, classe e questões sociais em geral, especialmente por ser um artista, cujas obras, como mostramos anteriormente, foram perseguidas e censuradas nos dias da Ditadura Civil Militar. Em razão disso que pensamos propor a construção de um trabalho com os cartuns de Millôr Fernandes sobre o referido tema, visto que esta época marcou grande parte da sua obra, e nesse contexto também usar charges mais atuais para aplicar em sala de aula o que foi estudado e assim observarmos os resultados através de comparações, diálogos e atividades.

Com base no modelo apresentado por Barca, os procedimentos adotados para execução da aula-oficina, são respectivamente: conversa de apresentação do conteúdo – o aluno fica a vontade para falar o que sabe a respeito de charges e cartuns e sobre a ditadura civil militar no Brasil; apresentação de charge e cartum e abordagem aos temas específicos sobre a Ditadura Civil Militar no Brasil; distribuição de material impresso com charge e cartum tematizando a censura, o governo e a tortura ou repressão para o aluno fazer sua análise; fazer comparação entre fatos atuais e *memes*; proposta de cada grupo trazer uma imagem para próxima aula e fazer uma atividade de leitura aleatória com diálogo das análises feitas durante as oficinas.

No final da aula, a leitura e o diálogo irão proporcionar um momento de interação entre professor e alunos e entre os próprios grupos formados pelos alunos, pois irão compartilhar o conhecimento prévio que cada um possui, assim como os resultados que cada grupo teve da aula-oficina e por fim relacioná-los com fatos do presente. Para tanto, apresentaremos uma proposta didática que pode ser implementada a partir do 8º ano do Ensino fundamental II ou mesmo no Ensino Médio, quando a discussão sobre Ditadura Civil Militar for prevista no curriculum.

3. 1. PROPOSTA DIDÁTICA

A presente proposta foi pensada como uma inspiração para a elaboração de planos de aulas que tenham como tema a ditadura Civil Militar Brasileira.

PROPOSTA DIDÁTICA: A DITADURA CIVIL MILITAR BRASILEIRA EM IMAGENS E TEXTOS

Unidade Temática Trabalhada: Ditadura Civil Militar Brasileira.

Público Alvo: Ensino Fundamental II e Ensino Médio

Proposta didática: Aulas – Oficinas temáticas

Orientação geral: A perspectiva não é apresentar/ministrar o conteúdo, mas problematizar a partir das vivências históricas dos sujeitos históricos do período, temas que impactaram suas vidas e, nesse caso, os mesmos aparecem nas charges que a pesquisa encontrou. As oficinas demandarão que o professor ou professora já tenha introduzido o assunto aos estudantes, de preferência usando o material que os mesmos tem para tal discussão, sejam livros didáticos, apostilas, entre outros. Assim, caso o professor ou professora prefira outras temáticas, basta seguir o roteiro dos planos de trabalho como orientação.

PLANO DE TRABALHO 1

Tema: A Censura durante a Ditadura Civil Militar Brasileira a partir de Charges e Cartuns;

Conteúdo: Apresentação das fontes: charges e cartuns; problematização da censura durante o regime ditatorial.

Duração: Duas aulas de 50 minutos

Objetivo: Conhecer charges e cartuns; problematizar o senso comum sobre o tema e perceber a importância dos mesmos no estudo da História da Ditadura Civil Militar Brasileira.

Metodologia: Aula- Oficina.

Desenvolvimento:

Aula-Oficina 1:

1. **Primeira parte: Conhecendo charges e cartuns/ A censura na Ditadura Civil Militar:** Conversa de apresentação do conteúdo a ser ofertado na aula-oficina; Apresentação de charge e cartum como fontes para a História: o professor ou professora pode solicitar que os alunos pesquisem em seus dispositivos móveis

– celulares ou *tablets*, com acesso à internet, se disponível, alguma charge ou cartum que tenha visto ou goste e que se aproxima do que entende por perseguição. Nessa parte os alunos estarão em contato com o senso comum sobre o tema, apresentando, assim, sua visão de mundo. Essa atividade deve ser feita em 20 minutos. (Caso isso não seja possível, na aula anterior à oficina o professor ou professora deve solicitar que os alunos tragam de casa o material)

2. **Segunda parte:** O professor ou professora distribuirá para o grupo uma folha impressa com o cartum “Millôr e a Autocensura” de Millôr Fernandes, para trabalhar o tema Censura na Ditadura Civil Militar, solicitando que os mesmos comparem com a charge ou cartum que teve acesso: o que as aproxima e o que as distancia? Os alunos serão, ainda, instados a interpretar a imagem e relacioná-la com o que foi anteriormente discutido em sala de aula a partir das perguntas: O que entenderam através desta imagem? O que a imagem mostra? Qual mensagem o autor quer passar? O que foi a autocensura? O que foi a censura no período da Ditadura Civil Militar no Brasil? Esse processo durará em média 20 minutos, dependendo do tamanho da turma.

3. Imagem sugerida:



Fonte: O Pasquim, n. 43, 12 a 18 de fevereiro de 1970, p. 33.

4. O professor ou professora ouvirá, se possível, os grupos, em um tempo de 10 minutos e pedirá que os mesmos tragam para a próxima aula outras charges do período histórico trabalhado em sala, tendo em mente o tema censura.

Aula Oficina 2:

1. **Primeira parte:** O professor ou professora pergunta aos alunos se conseguiram realizar a tarefa solicitada. Contando com uma resposta positiva,

solicitará que se formem grupos de trabalhos e que os alunos façam comparações entre as charges e, a partir disso criem um conceito de Censura para apresentarem à turma como um todo. Esse processo deve ser realizado em 20 minutos.

2. **Segunda parte:** Os grupos, elegendo um representante apresentarão seus conceitos de censura, abrindo um debate geral sobre o que é censura e qual o seu impacto na sociedade. Esse processo durará em média 20 minutos, dependendo do tamanho da turma, e deverá ser conduzido a uma conclusão geral do que é censura, como a mesma se apresenta na sociedade e que tipo de atitude os sujeitos sociais devem ter diante da mesma.

3. **Terceira parte:** O professor ou professora solicitará dos alunos para entrega posterior um relatório escrito sobre as atividades que conste: O que foi realizado em sala, as charges a que cada um/uma tiveram acesso; o conceito de censura a que a turma chegou, e uma rápida reflexão sobre o que a discussão provocou no/na estudante. Esse relatório deverá ser feito pelos grupos de trabalho e será parte da avaliação.

Avaliação: O professor ou professora poderá estabelecer variados critérios de avaliação, as sugestões são: participação nas atividades, participação nos debates e o relatório final, o qual terá seus próprios critérios de avaliação.

Exequibilidade: Acreditamos que é possível executar tal oficina sem grandes problemas, haja vista que os materiais exigidos são mínimos e que o tema interessa à Unidade específica do curriculum. O cronograma pode sofrer alterações, pois nem sempre o tempo pode ser rigorosamente cumprido. Cabe ao professor ou professor adequar essa proposta à sua realidade de sala de aula.

Bibliografia sugerida:

ZIRALDO. In: CEREJA, William Roberto; Magalhães, Theresa Cochar. Português: Linguagens. 7ª série. São Paulo: Atual Editora, 1998.

BARBOSA, Alexandre et al. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

GONÇALO JUNIOR. A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOULOS JUNIOR, Alfredo. História, Sociedade e Cidadania. São Paulo: FTD S.A., 2009.

PLANO DE TRABALHO 2

Tema: A política durante a Ditadura Civil Militar e o atual cenário brasileiro.

Conteúdo: Apresentação das fontes; charge e cartuns; problematização da política durante o regime ditatorial; Política brasileira; o humor político em charges e cartuns; produção artística: essa oficina poderá ser desenvolvida em conjunto com a disciplina de artes.

Duração: Duas aulas de 50 minutos.

Objetivo: Conhecer charges e cartuns; problematizar o senso comum sobre o tema e perceber a importância dos mesmos no estudo da História da Ditadura Civil Militar Brasileira; Atualizar e debater sobre o cenário político brasileiro nos dias atuais.

Metodologia: Aula- Oficina;

Desenvolvimento:

Aula-Oficina 1:

Parte 1: O professor ou professora iniciará a discussão a partir de algumas perguntas: Como se encontra a atual política no Brasil? Como poderia ser melhorada? Como veem os políticos? A partir das respostas dos alunos e alunas o professor formará grupos, de até 4 estudantes, cujas ideias se aproximam para a próxima etapa do trabalho. Esse processo deverá durar no máximo 20 minutos.

Parte 2: Com os grupos formados, o professor ou professora distribuirá charges produzidas durante a Ditadura Civil Militar Brasileira, especialmente de Millôr Fernandes, e charges atuais sobre a política no Brasil para que os grupos problematizem e produzam uma tabela, conforme o modelo exposto (os itens de comparação podem ser de escolha do professor ou professora). Esse processo deverá ser realizado em 20 minutos.

Tabela 1: Tabela comparativa 1

Item de comparação:	Figura 1 (Ditadura C. Militar)	Dias Atuais
Como aparecem os políticos?		
Como aparece o povo?		
Como aparece o Brasil?		
Como aparecem as instituições?		

Parte 3: Após os estudantes preencherem as tabelas o professor ou professora solicitará dos mesmos que se aproveitem das tabelas como orientação e criem, em grupo ou individualmente sua própria charge sobre a relação entre a política brasileira na Ditadura Civil Militar e a política atual no Brasil.

Aula-oficina 2:

1. **Parte 1:** O professor ou professora receberá os alunos com as seguintes perguntas: Como foram os trabalhos? Foi fácil ou difícil desenhar? Após as intervenções dos alunos, o professor ou a professora solicitará que os grupos apresentem suas produções para a turma. Esse processo deverá durar uma média de 20 minutos.
2. **Parte 2:** Após as apresentações o professor ou professora solicitará que os grupos troquem entre si as produções e cada grupo deverá avaliar o trabalho do outro tendo como questão: Essa charge consegue me contar a relação entre a Ditadura Civil Militar Brasileira e a política atual do país? As respostas deverão ser escritas e entregue ao professor como parte da avaliação da atividade.

Avaliação: Ao professor ou professora sugere-se como critérios de avaliação a participação nas atividades, participação nos debates e um texto final que tenha avaliado a charge do colega. O desenho, em si, graficamente, não deverá ser tomado como critério de avaliação, haja vista que desenhar nem sempre é atividade tranquila para a maioria das pessoas. **Possibilidade:** Nessa aula-oficina, pode-se pensar em uma atividade conjunta com a disciplina de artes de forma a valorizar as formas gráficas de representação da vida humana. Nesse caso, a aula-oficina deverá ser pensada em conjunto com o professor ou professora de artes e, sugere-se, que os resultados possam ser contemplados com uma “Exposição Artística” na escola, de forma a estimular não apenas a transdisciplinaridade, mas também a criatividade na produção do conhecimento histórico através da expressão artística.

Exequibilidade: A proposta apresentada se mostra exequível, observadas as condições da turma na realização da mesma. O tempo exigido não é inadequado,

os materiais são aqueles comuns aos alunos e alunas: papel, lápis preto, lápis de cor entre outros. Como é comum nas escolas o cronograma pode ser modificado de forma a se adequar ao contexto das aulas e dos imprevistos.

Bibliografia sugerida:

HENFIL. Como se faz humor político: depoimento a Tárík de Souza. Petrópolis: Vozes, 1984.

LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: Ideias de Jeca Tatu. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda, 1955, p. 3-21.

SOUZA, Maria Lindaci. Modalidades de uso das iconografias humorísticas no ensino de História. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação), UFRN, Natal.

BOULOS JUNIOR, Alfredo. História, Sociedade e Cidadania. São Paulo: FTD S.A., 2009.

PLANO DE TRABALHO 3

Tema: Charges e Narrativas escritas: comparando fontes e tempos e produzindo conclusões.

Conteúdo: Ditadura Civil Militar em charges e cartuns e em textos escritos;

Duração: Duas aulas de 50 minutos.

Objetivo: Problematizar as narrativas gráficas e escritas sobre o que foi a ditadura civil militar brasileira, discutindo como a mesma aparece nessas produções. Constituir uma visão geral sobre a ditadura e concluir o aprendizado do aluno sobre o tema proposto e as imagens utilizadas.

Metodologia: Aula- Oficina;

Desenvolvimento:

Aula-Oficina 1:

1. Primeira Parte: O professor ou professora iniciará a discussão perguntando aos alunos: é possível comparar um texto escrito com uma imagem? Como? O que é cada forma de expressão/representação para se aprender história? Quais vocês preferem mais? Após uma breve discussão o professor ou professora dividirá a turma em grupos e entregará a cada um dos grupos uma imagem e um texto escrito que apresentem uma visão mais geral da Ditadura Civil Militar. Esse processo deverá durar no máximo 15 minutos. **Observação:** A escolha da imagem

e do texto é muito importante, assim sugere-se que após a escolha da charge (como nas outras propostas, sugere-se o uso das charges de Millôr Fernandes) o professor faça a escolha de um texto (deve ser um texto curto: crônica, conto, reportagem de jornal, recorte de artigo científico entre outros) que seja remissivo à imagem.

2. Segunda Parte: Em grupos os/as estudantes farão uma análise das duas formas de apresentação da Ditadura Civil Militar, estabelecendo as características de cada uma e como cada uma mobiliza um conhecimento histórico para expor esse período histórico. Os alunos deverão preparar uma apresentação oral, que use o recurso audiovisual sobre as conclusões que chegaram. Em sala terão 20 minutos para elaboração do roteiro da sua apresentação (se necessário o professor deverá explicar como se constrói um roteiro). Os grupos elaborarão apresentação em casa.

3. Terceira parte: O professor ou professora poderá explicar como se constrói um roteiro, e também orientar a elaboração do recurso audiovisual, seja slides ou um pequeno vídeo. Os grupos elaborarão a apresentação em casa.

Aula-Oficina 2:

Essa aula-oficina consistirá nas apresentações orais dos grupos de trabalhos e em um posterior debate sobre os trabalhos apresentados. É importante assinalar que para as apresentações a sala de aula deverá dispor dos recursos de audiovisual.

Avaliação: Nesta aula-oficina, cujo maior objetivo é finalizar as discussões sobre Ditadura Civil Militar, a avaliação poderá ser mais geral e o professor ou professora deverá levar em consideração as seguintes questões: os alunos compreenderam as problematizações? Houve mudança na forma de compreender esse período? Os alunos se sentiram a vontade no manejo de textos e imagens? Os alunos gostaram de lidar com fontes diversas? No sentido mais específico, a avaliação deverá responder se as produções dos alunos demonstram uma compreensão sobre o período histórico estudado e se foram capazes de mostrar isso. **Possibilidade:** Essa aula-oficina poderá ser desenvolvida em conjunto com as disciplinas de Português ou Literatura, adequando-se no caso, ao trabalho transdisciplinar.

Exequibilidade: A proposta apresentada se mostra exequível, no entanto com um grau de dificuldade maior, pois exigirá que os alunos e alunas tenham acesso aos recursos audiovisuais/computacionais para realização do trabalho final. Como a maioria tem acesso a celulares e computadores, o professor ou professora poderá pedir que estes socializem tais instrumentos com os colegas que não possuem. Uma forma interessante é dividir as tarefas entre os membros dos grupos contemplando outras demandas. Outra questão importante é que na aula-oficina das apresentações orais o tempo de cada uma seja respeitado, portanto, deve ser dividido da melhor forma possível.

Durante as oficinas o professor deve dar suporte às dúvidas de cada grupo, interagindo e colocando-os motivados. O trabalho em grupo foi escolhido para dar mais interação entre os estudantes e também como forma de aproveitar melhor o tempo de duração da aula, pois infelizmente cada aula não dispõe de tempo suficiente para fazer um estudo individual de grande proporção.

Dentre as intenções da aula-oficina, está a produção de conclusões históricas mais próximas das quais os historiadores desejam. É fundamental não só garantir a variedade de fontes, como considerar a perspectiva de cada uma e planejar momentos diferentes para estudá-las, o ideal é alinhar a teoria e a prática de forma a orientar o profissional educador, norteando os caminhos para uma reflexão crítica e uma formação de qualidade.

Apesar de parecer simples, o processo de ensino e aprendizagem traz muita complexidade, visto que envolve elementos muito complexos como a educação, a sala de aula, o conhecimento, e até mesmo os alunos e professores enquanto seres humanos que também possui grande nível de complexidade.

O ensino de História não é diferente, carrega consigo muitas complicações e perpassa por toda teoria que envolve a educação histórica e a consciência histórica do indivíduo em aprendizagem. Diante desses fatos, fica evidente a necessidade de procurar entender tal processo para conseguir chegar às finalidades que pretende alcançar o ensino de História e a prática do ofício do historiador, dentre elas a formação do sujeito crítico e reflexivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, procuramos mostrar as variadas maneiras de trabalhar com charges e cartuns, humor, sátira, ironia, riso, figuras, desenhos, interpretações, entre contribuições e teorias propostas por importantes filósofos e estudiosos da cultura e da linguagem, no aspecto histórico e linguístico, na tentativa de utilizar uma forma mais lúdica de ensinar, e também de despertar um olhar crítico no sujeito perante o que existe nas entrelinhas do contexto de uma figura, e assim nos interagir e enxergar as possíveis denúncias, crises e absurdos que acontecem ao nosso redor.

O presente trabalho defende que o uso do humor gráfico de cartuns e charges pode auxiliar o educador a modificar a consciência histórica do estudante e possibilita mais descontração durante a aprendizagem, o que levaria o aluno a se interessar pelo conteúdo transmitido e revelar seu conhecimento de mundo. Com isso, é esperado que o professor consiga tornar suas aulas mais dinâmicas e poderá também usar sua criatividade no uso da proposta de intervir pedagogicamente com o modelo de aula-oficina exposto neste trabalho, e dessa forma construir uma aula interativa e interdisciplinar.

Observamos que existe muito conhecimento no humor gráfico, tanto que para uma pessoa só não é possível conhecer toda a informação que ele quer nos dizer, e por isso acontece sempre de alguém ver outra hipótese que não tínhamos notado. Isso é interessante pensando na interação que se pode obter em um grupo, pois se todos revelam suas interpretações, opiniões e visão de mundo do assunto em questão, conseguimos reunir uma maior quantidade de ideias e debater a respeito delas e da cultura inerente a cada um, caso seja preciso até mesmo no sentido de desconstrução de hipóteses que venham a ser prejudiciais ou preconceituosas para determinado grupo.

Através desta pesquisa, acreditamos que ficou evidenciado a importância da leitura e o trabalho com o humor gráfico no processo de formação do leitor em um universo em que as mídias e linguagens se interagem cada vez mais, e a crescente presença do uso de imagens demanda do leitor o conhecimento e a habilidade para decifrá-las, fato que não pode ser ignorado pelos educadores e pela escola.

Diante de todo o exposto, procuramos ao máximo trabalhar com a ideia de que a disciplina de História não é apenas um “decoreba”, e que seja vista com o mesmo olhar do historiador, isto é, em síntese, uma ciência que reflete a sociedade do passado e do futuro nos dias atuais, observando os processos de rupturas e continuidades em que a História é capaz de

ser inserida. Isto mostra o quanto é necessário que os professores de História busquem a conscientização dos alunos sobre a importância que o conhecimento dela tem para ele, pois ele faz parte do futuro da sociedade.

Se as propostas colocadas nesta pesquisa conseguirem se propagar, não na dimensão que se espera, mas devagar e no tempo que for necessário; der incentivo e/ou orientação a alguém ou grupo de pessoas, sala de aula ou sirva como ferramenta pedagógica ou metodológica para alguns professores e educadores, com certeza já teremos atingido nosso objetivo e com isso também teremos colocado em prática o ofício do historiador.

REFERÊNCIAS

- ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O Fato Gráfico – O Humor Gráfico como Gênero Jornalístico**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 4ª Ed. São Paulo – Brasília: Hucitec, 1999.
- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.
- BRASIL Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BERGSON, Henri. **O riso – ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CARMELINO, Ana Cristina. **Humor: Uma abordagem retórica e argumentativa**. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo* - v. 8 - n. 2 - p. 40-56 - jul./dez. 2012.
- CERRI, Luiz Fernando. **Ensino de história e Consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- CHARTIER, Roger. **O Mundo como representação**. *Estudos Avançados*. Vol. 5, n.11. São Paulo. Jan/Abr. 1991.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- FERNANDES, Millôr. **Millôr no Pasquim**. Círculo do Livro, São Paulo, 1977.
- FOLKIS, Gesiane Monteiro Branco. **Análise do discurso humorístico: as relações marido e mulher nas piadas de casamento**. Tese de doutorado Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HANSEN, J. A. **Anatomia da Sátira**. Conferência apresentada na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 1991, 17 p.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: Nos Tempos da Imprensa Alternativa**. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1994.

OLIVEIRA, Natali Gisele de. **Entre o engajamento e o desbunde**: Resistência e deboche no Pasquim (1969-1979). 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Cap. 1.

PAGLIOSA, Elcemina L. Balvedi. **Humor: Um Estudo Sociolinguístico Cognitivo da Charge**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.

PAIVA, E. F. **História e imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história**: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História – Órgão da Associação Nacional de História*. São Paulo, ANPUH/Contexto, vol. 15, nº 29, 1995.

PETRINI, Paulo. **Gêneros Discursivos Iconográficos de Humor no Jornal O Pasquim**: Uma Janela Para a Liberdade de Expressão. Londrina, UEL, 2012.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. PIFPAF e Millôr: a densidade em tempos de efemeridade. In: **XIII ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH - RIO**, 13, 2007, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2007. v. 1, p. 1 - 9. Disponível em: <<http://encontro2008.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 20 out. 2018.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Intertextualidade Charge jornalística e polifonia**: um estudo de charges da Folha de São Paulo/ Edson Carlos Romualdo. Maringá: Eduem, 2000.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem Histórica – Fundamentos e Paradigmas**. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

SILVA, Ivam Cabral da. **Humor Gráfico: O Sorriso Pensante e a Formação do Leitor**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. – Natal, RN, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos & GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **Recriando Histórias de Araucária**. Curitiba: Núcleo de Pesquisa em Publicações didáticas da UFPR; Prefeitura Municipal de Araucária, 2008.

SOETHE, P. A. **Sobre a sátira**: contribuições da teoria literária alemã na década de 60. *Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeira*. (Universidade Federal de Santa Catarina) v. 7, n.2, 1998.

SOUZA, Waldenia K. M. Vargas. **O Discurso Político-Humorístico Do Gênero Charge**. *Revista Raído*. Universidade Federal Grande Dourados, MS, jul./dez. 2009.

ZIRALDO. In: CEREJA, William Roberto; Magalhães, Theresa Cochar. **Português: Linguagens**. 7ª série. São Paulo: Atual Editora, 1998.

WEBREFERÊNCIAS

ARAGÃO, OCTAVIO CARVALHO. **CARTUM, DO IMPRESSO À INTERNET:** narrativa sequencial e humor disjuntivo. São Paulo: *Revista USP*, v. 1, n. 1, 2011. Trimestral. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/13856/15674>>. Acesso em: 25 out. 2018.

BUSETTO, Áureo. Um polígrafo na telinha – experiências de Millôr Fernandes com a televisão dentro do quadro de relações entre o meio eletrônico e a imprensa, 1959-1965. In: **XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH**, Natal-RN, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364604222_ARQUIVO_Umpoligrafonat_elinha.pdf. Acesso em 16/04/2017.

CUNHA, José Eduardo Ambrósio de Brito e. **Desenhos de humor, crítica e planejamento gráfico editorial:** a revista Pif Paf (1964). 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2018. Cap. 2. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/24094>>. Acesso em: 08 maio 2018.

GASPAROVIC, Marília Manfredi; CARMO, Alex Sandro de Araújo. **Análise do Discurso Humorístico:** A Charge de Millôr Fernandes. *Anais do 12º Encontro Científico Cultural Interinstitucional* – 2014, ISSN 1980-7406. Disponível em: <<http://www.fag.edu.br>>. Acessado em 16/05/2016

MEMÓRIA VIVA – **História rima com memória** >Memória da Imprensa>Revista O Cruzeiro. Disponível em:< <http://www.memoriaviva.com.br>>. Acessado em 12/05/2016.

O Portal das Biografias. Disponível em: <www.e-Biografias.net>. Acessado em 10/05/2016.